



O Polonês



Missão Salesiana de Mato Grosso
UNIVERSIDADE CATÓLICA DOM BOSCO
Instituição Salesiana de Educação Superior

Chanceler: Pe. Ricardo Carlos

Reitor: Pe. José Marinoni

Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação: Prof. Cristiano Marcelo
Espinola Carvalho

Pró-Reitor Administrativo: Taner Douglas Alves Bitencour

T314p Teodorowicz, Maria

O polonês: a história de um imigrante que contribuiu
para o desenvolvimento de uma cidade/ Maria Teodorowicz.--
Campo Grande, MS : Ed. UCDB, 2024.

85 p.

ISBN 978-65-87890-20-3

1. Teodorowicz, Antonin. 2. Segunda guerra mundial
- Narrativas pessoais. 3. Narrativas de guerra. 4.
Imigração polonesa. 5. Colônia polonesa - Campo Grande
(MS). I. Título.

CDD: 325.10981

O POLONÊS



A história de um imigrante que contribuiu para
o desenvolvimento de uma cidade

Maria Teodorowicz



Campo Grande, MS, 2024

© 2024 UCDB

Edição digital
1ª edição

Editoração Eletrônica
Débora Albuquerque Xavier

Capa
Núcleo de Comunicação e Marketing – UCDB

Revisão de Texto
Dáfini Lisboa Cabreira

São permitidos extratos desta publicação,
desde que citada a fonte.

O conteúdo publicado é de inteira responsabilidade dos autores
e não representa o posicionamento da UCDB.

Feito depósito legal na Fundação Biblioteca Nacional
(Decreto n. 10.994, de 14/12/2004).

Os direitos desta edição são reservados à **UCDB**,
cadastrada no Sistema ISBN sob o n. 87890.

Av. Tamandaré, 6.000 - Jardim Seminário
CEP 79117-900 - Campo Grande, MS
Fone/fax: (67) 3312-3373
E-mail: editora@ucdb.br
<http://www.ucdb.br>

Aos meus filhos
Márcia, Fábio, Milena.

Aos meus netos
Victor Antônio, Daniela,
Maria Eduarda, Davi
Valentina, Antônia.
Para conhecer a nossa história.

Vovó Marila

Prefácio

Foi ao subir um dia pela Av. Mato Grosso, em maio de 2020, da Rua 14 de Julho em direção ao Parque dos Poderes, que me veio a lembrança da mesma avenida em 1948, quando chegamos a Campo Grande.

Naquela época, já existia o canteiro central, as árvores ainda eram relativamente novas, e a grama parecia mais um matinho que tentava sobreviver.

Do lado esquerdo, havia uma igreja – a Igreja Dom Bosco, dos padres salesianos – e, em frente a ela, depois de um pátio relativamente extenso, no qual havia uma quadra de esportes, algumas térreas casas rodeadas por canteiros com flores bem cuidadas. Eram as salas de aula do Colégio Dom Bosco, frequentadas apenas por meninos.

Do lado direito da Av. Mato Grosso, havia algumas casas bem simples, típicas da época. Chamava atenção e era diferente o fato de que, quase no meio da quadra, houvesse uma construção de frente bem larga, fechada por portas de enrolar de metal enferrujadas, onde antigamente funcionava um açougue. A parede à direita estava ligada a um portão largo que dava num pátio enorme. O pátio era delimitado por uma fileira de quartos interligados, fazendo divisa com o muro de uma outra casa. A história do polonês em Campo Grande começa a partir do momento que o avião em que a família viajava pousou em Campo Grande. O destino final seria Buenos Aires, Argentina, com escala em Assunção, Paraguai. Entretanto os passageiros tiveram de permanecer em Campo Grande, pois o então presidente do Paraguai, Strossner, havia fechado as fronteiras.

Esta lembrança de repente me fez pensar em como “a cidade cresceu e evoluiu”. E com certeza meu pai Antonin, que todos chamavam de Polonês, contribuiu, e muito.

Subindo, ao ultrapassar o colégio das freiras – na época chamado apenas assim –, a Avenida Mato Grosso parecia acabar. Mas seguia em frente, transformava-se em uma rua estreita e sem calçadas, com algumas casas esparsas, chamadas de chacrinhas, que se estendiam até um córrego – Anhanduizinho –, depois do qual só havia matas.

Na época, Campo Grande era uma ilha de turcos – comerciantes –, cercada por japoneses que primavam em plantar hortas, cuja produção era vendida por japonesas, em grandes bacias de metal carregadas na cabeça. Elas gritavam: “Olha a verdura!”.

O mato daquela época foi sendo substituído aos poucos por construções, residenciais ou comerciais. Hoje a Avenida Mato Grosso termina no Parque dos Poderes – centro administrativo do estado –, muito além do Córrego Anhanduizinho.

De repente me dei conta da importância que meu pai – o Polonês – teve nesse desenvolvimento.

Decidi assim escrever a sua história. O objetivo não é apenas mostrar a capacidade de um homem simples, imigrante, sem recursos e sem saber sequer falar a língua do local, ou qualquer outra língua latina. Ele trabalhou, e criou, e cresceu, mas talvez, sem perceber, deixou um grande legado. Só me dei conta desse legado quando descobri que a primeira rua após o Córrego Anhanduí recebeu seu nome, **Rua Antonio Teodorowicz**.

Acredito que essa história vai mostrar, principalmente, como a maneira de trabalhar, persistir e viver leva ao crescimento.

O nome do livro é “O Polonês”. Não sei se eu seria injusta, só falando do Polonês, ele como o “móvel” do crescimento. Sinto que, sem a presença da Antonina, sua esposa, talvez esse desenvolver, crescimento, não teria ocorrido. Antonina costumava dizer: “Ter dinheiro e fazer é fácil... o importante é não ter dinheiro e saber fazer e fazer”. Para Antonina, o ser humano tinha de saber crescer do nada.

Eis a história dos dois.



Antonio e Antonina Teodorowicz

Sumário

Prefácio	7
Primeira parte: Europa	11
A região da Ucrânia e sua história	12
Luck	16
Lodz	23
Praga	29
Paris 1948	33
Segunda parte: Brasil	37
Rio de Janeiro	38
Campo Grande Mato Grosso – 1948	40
O frigorífico	45
A matança de gado – 1949 a 1950	49
A matança dos porcos no frigorífico	51
O cotidiano da família	52
Chácara <i>revellieu</i> ou o matadouro	57
A compra da fazenda	61
A família do Polonês	64
Boris	64
Rádia e Maryla	68
Morte de Antonina e Antonio	71
Abertura do epílogo	74
Epílogo	75
Nina e Paulo	76
Marila, a autora	79
O fechamento do matadouro – paulo	82

Primeira parte:
Europa

A região da Ucrânia e sua história

Para entendermos a força de sobrevivência do Polonês, temos de partir da história da região onde ele nasceu. Aliás, não só ele, mas Antonina e suas filhas também.

Ucrânia é um país eslavo, localizado bem no meio da Europa Oriental, fazendo fronteiras com vários países: ao leste, com a Rússia; ao norte, Bielorrússia e Polônia; Eslováquia, ao leste; e ao sudoeste, com Romênia, Hungria e Moldávia.

Ao sul, tem ligação direta com o Mar de Azov e o Mar Negro, o que lhe permite chegar até o Mediterrâneo.

As terras da Ucrânia são extremamente ricas, tanto em minérios como em terras férteis. A maior parte do povo se dedica à agricultura.

Kiev, a sua capital, prima por ter universidades que, no início do século 19, dedicavam-se mais a ensinar matérias práticas.

É um país almejado pelos seus vizinhos, principalmente pela Rússia, que, se conquistasse Crimeia, teria uma saída para o Mar Mediterrâneo, fora o fato de possuir terras extremamente ricas e próprias para agricultura.

A situação política no momento que escrevemos este texto é caótica, a Rússia invadindo a Ucrânia sob os mais diversos pretextos, mas não é disto de que trata a presente biografia.

É complexa a história de Volyn. Iniciou-se com invasões de povos. É completamente desnecessário descrever todas as ocupações, tanto pelos ucranianos como pelos russos e pelos povos do leste e oeste alemães.

Podemos começar a história da Ucrânia com os primeiros povos nômades, como cimérios, godos, seguindo-se de outros povos nômades que buscavam uma terra rica para plantar. No século VI, a Ucrânia era habitada principalmente por tribos eslavas, as quais começaram a construir Kiev, que já naquela época era um importante centro, por onde passavam muitas rotas que levavam ao escoamento da produção. No século 12, houve a invasão pelos mongóis, que, de certa forma, arrasaram a região. Até

certo ponto, podemos considerar que o povo daquela região sobreviveu e passou a “cultuar” um sentimento de unidade, tentando sobreviver a essas inúmeras invasões. Nesta época, surgiram os cossacos, camponeses ucranianos que lutavam contra os invasores, principalmente os poloneses aos quais interessavam as terras ricas e próprias para plantio da Ucrânia.

Em 1667, a Ucrânia foi dividida entre a Polônia e a Rússia. A região era sobretudo agrícola, com poucas cidades e comércios. O domínio russo era predominante, e, da mesma forma que impuseram os estudos da língua russa, proibiram o estudo da língua ucraniana.

A Ucrânia sempre estava no meio das brigas. Em 1917, após a primeira guerra mundial, a Ucrânia declarou independência.

Os ucranianos sempre lutaram pela sua identidade. Sob o domínio de Stalin, que “tentou” de todas as formas transformar os ucranianos em “russos”, eles resistiram.

A título de curiosidade, vamos citar uma das atitudes de Stalin: deixou uma parte da Ucrânia sem alimentos e dizimou os intelectuais da época. A força dos ucranianos, entretanto, não permitiu que eles fossem dizimados. Hoje podemos considerar que se trata de um povo forte e guerreiro.

No início do século XX, Luck pertencia à Polônia. Atualmente, essa região pertence à Ucrânia. Era uma região na qual se falavam diversas línguas eslavas, polônês, tcheco, russo e ucraniano. De certa forma, isso era vantajoso para os habitantes de lá. As crianças, desde que nasciam, eram “bombardeadas” por todas essas línguas, o que lhes trazia facilidade de aprender outras línguas eslavas e uma grande capacidade de adaptação a situações diversas.

Havia também tchecos que imigraram para trabalhar nas terras férteis da Ucrânia, uma vez que havia falta de mão de obra. Essa região habitada pelos tchecos era chamada de *Volyn*, e os tchecos nela residentes eram chamados de *Volinsky Cechy*.

Antonin nasceu em 1898, em Kiev. Naquela época, o Império Russo estava vivendo um caos. Por um lado, a guerra com o Japão, as greves gerais, instabilidade na sua sociedade e indústria. Em 1905, após assinar a paz com o Japão, a Rússia se transformou de uma sociedade

essencialmente camponesa – trabalhadores rurais eram chamados de *duchy*, ou seja, almas – a uma sociedade industrial.

Foi um crescimento rápido das indústrias, o que levou também ao crescimento do banditismo, culminando com a Revolução de Moscou, em dezembro de 1905. A revolução russa, iniciada por Lenin, deu-se com a revolta dessas “almas” – *duchy*.

Em 1912, os ucranianos da região de Volínia eram pessoas muito simples, totalmente despreparadas para as transformações que surgiam. Nesse período, houve uma debandada tanto dos tchecos como de ucranianos de Volínia. Luck, em 1914, ainda pertencia ao Império Russo.

Antonio Teodorowicz – Antonin, em russo –, seu Antonio ou o Polônês, como era chamado em Campo Grande, não sabemos ao certo em que cidade nasceu. Temos a data de nascimento em 1º de agosto de 1898.

Essa data consta no mais antigo documento dele – um diploma da Universidade de Kiev, escrito em alfabeto russo cirílico, certificando-o como especialista na fabricação de frios. Naquela época, os homens jovens eram convocados para servir ao exército.

Por ocasião da eclosão da Primeira Guerra Mundial, 1914, Antonin tinha 16 anos. Havia uma saída para os que não quisessem se alistar, que consistia em pagar determinada quantia em rublos, se não nos falta à memória, 300 rublos. Antonin pagou, foi para Kiev e se matriculou na universidade local, no curso de especialização de fabricação de frios. Seu diploma, no momento, está emoldurado e pendurado na parede da casa da autora.

Na Europa, predominava a Lei do Ventre; assim, mesmo se a pessoa tivesse nascido em Luck, se os pais fossem de outra nacionalidade, seria da nacionalidade da mãe. Acreditamos que seus pais eram ucranianos, o que de certa forma se confirma pelo fato de ter estudado na Universidade de Kiev, capital da Ucrânia.

Sabemos que foi batizado na Igreja Ortodoxa Russa e alfabetizado em russo. Era extremamente fluente tanto em russo como ucraniano.

O nome de seu pai era Ivan, e o nome da sua mãe, nunca soubemos. Tinha uma irmã chamada Olga, sobre a qual também não sabemos nada,

pois Antonio nunca falava dela. Quanto aos outros familiares, também não temos conhecimento. Pelo que ele relatava, muitos de seus familiares chegaram a ser sacerdotes da Igreja Ortodoxa Russa. Ele era ortodoxo.

Terminado o curso, passou a se dedicar à fabricação de frios, levando-os para vender nas outras cidades. Em uma dessas viagens, chegou a Luck, onde conheceu Antonina. Conta Antonina que se impressionou com ele, que chegava à cidade numa troica¹ puxada por magníficos cavalos; no inverno, a troica era substituída por um trenó. Ele vendia seus frios, que, segundo a descrição de Antonina, eram de um “sabor excelente”.

¹ Conforme o dicionário Aulete, trata-se de uma “grande carruagem russa puxada a três cavalos, indo o do meio a trote e de cabeça alta, e os dos lados a galope, com a cabeça virada para fora”.

Luck

Luck parecia ser uma cidade promissora. Como a Ucrânia passava por muitas guerras, cada país querendo um pedaço dela, acreditamos que, naquela época, ela fazia parte da Polônia. Pode ser que a necessidade de “expansionismo” do polonês o tenha impulsionado a ficar em Luck, mais perto da fronteira, imaginando que poderia vender seus frios nos países vizinhos.

Também não podemos nos basear no fato de ser fluente em ucraniano, russo, polonês, tcheco e alemão. A proximidade dos outros povos eslavos da Ucrânia, de certa forma, “obrigava” todos a falarem estas línguas.

A maior parte da população de Luck era de tchecos. Naquela época, essa parte da atual Ucrânia pertencia à Polônia e, como havia falta de mão de obra nas terras, os tchecos, estimulados pelos poloneses, imigraram para essa região.

A família da Antonina veio nessa leva de imigrantes tchecos que se dedicavam à agricultura.

Acreditamos que esse número grande de imigrantes em Luck atraiu Antonin, que via grandes possibilidades de vender seus frios e até levá-los para os países vizinhos, dada a proximidade das fronteiras.

O sobrenome de solteira de Antonina era Hajna, e seus pais eram Vojtech e Emilie Hajna, ou seja, nomes tchecos. O nome dos avós era Sthlik, isto é, tcheco. Não sabemos quantos irmãos Antonina teve. Só tivemos conhecimento de uma irmã, Marie, e um irmão caçula chamado Bóris Hajny. Marie teve também um filho chamado Bóris Ferzik.

Antonin e Antonina se casaram em 1920. Ambos eram muito econômicos e, de certa forma, sabiam ganhar dinheiro. Assim, ele construiu em Luck um açougue, junto do qual construiu uma fábrica de frios, ambos modernos para a época. Antonina trabalhava com ele. Quando Nina nasceu, contratou uma babá, que cuidava dela o tempo todo, só era levada para Antonina na hora de amamentar.

Antonina estudou o exigido naquela época. Com certeza terminou o primário e, muito curiosa, costumava ler tudo que lhe caía nas mãos. Co-

nhecia tanto o alfabeto cirílico como latino. Aprendeu a costurar muito bem com sua mãe, Emile, e pelo que sabemos era muito boa nisso. *Quando Marila já estava mocinha em Campo Grande, ela costurava todas as suas roupas e fazia as camisas do Polonês.*

Aconteceu com Marila e Nina, assim que nasceram, de serem “bombardeadas” com línguas como polonês, tcheco, russo e ucraniano.

Hoje acreditamos que foi esse fato que, de alguma forma, deixou Marila com grande facilidade para aprender outras línguas, como aconteceu com alemão, depois francês e, finalmente, português, aprendizado maior, esse, com crianças das ruas.

Em janeiro de 1920, nasceu Nina. Decidiram que só teriam essa filha. Assim, Antonina fez inúmeros abortos, não queria ter mais filhos, até que, em 1936, grávida, seu médico se recusou a fazer o aborto, dizendo “ou ela teria esse filho ou ia corria risco de vida”. Em fevereiro de 1937, nasceu Marila.

Antonina não parou de trabalhar, contratou uma babá, novamente alemã – Rosa –, por considerá-la mais capaz do que possíveis outras babás eslavas. Ela cuidava da Marila o dia inteiro, apenas a levando nos horários certos para amamentar. Sabemos que esse aconchego e o tipo de amamentação deixaram profundas marcas em Marila, pois é de conhecimento geral a importância da presença da mãe.

A babá foi muito importante. Quando a família fugiu de Luck para Lodz e Marila teve todas as viroses da infância, Antonina intuitivamente dizia que, se tivesse levado a Rosa, com certeza isso não teria acontecido. Estava se referindo a todas as viroses que Marila teve quando estava fugindo de Lodz e que terminaram na poliomielite.

Antonina sempre primava muito por dar a melhor educação possível às filhas, desde babás, escolas e, também, nos estudos. Ela considerava que a melhor educação era dada por freiras. Havia, em Kracovia, um colégio de freiras – Colégio Sacre Coeur –, e Nina foi estudar lá.

Nesse colégio, as meninas tinham de aprender mais de uma língua, podendo escolher entre francês e alemão. Curiosamente, Nina escolheu alemão, apesar de a língua francesa ser considerada, na época, a língua da elite.

Anos mais tarde, por ocasião da ocupação alemã, este fato foi muito útil. Antonina costumava dizer que Nina intuiu que deveria saber falar alemão, pois precisaria dele no futuro. E esse fato salvou a vida da família várias vezes.

Antonina trabalhava no caixa, mas sempre queria aprender. Assim, aprendeu a desossar, conhecer as carnes e os cortes certos. *Esse conhecimento viria a ser de grande utilidade anos mais tarde, já em Campo Grande, onde ela, não raro, ensinava o açougueiro a cortar determinadas peças.*

Existe outro personagem importante ali – Boris, filho da irmã de Antonina, Marie. Por alguma razão que desconhecemos, ele foi trabalhar (por volta de 1929) com Antonin. Esse, não tendo filho homem, praticamente o adotou, ensinando-lhe tudo que sabia, desde a matança e os cortes da carne, até a fabricação de frios. Boris era excelente nisso! O vínculo com a família era grande, e Boris sempre procurava estar junto.

Por ocasião do início da Segunda Guerra Mundial – 1939 –, Nina continuava em Kracóvia, já na faculdade, fazendo o segundo ano de Medicina.

Foi nessa época que a Alemanha Nazista deu um ultimato à Polônia, exigindo determinada faixa de terra. A Polônia o rejeitou, o que levou a Alemanha a invadi-la.

Com o início do que viria a ser a Segunda Guerra Mundial, o pânico era grande, principalmente na Polônia, considerada o pivô.

Nina, como outros estudantes e outras pessoas, teve de fugir de Kracóvia.

Pelos relatos da própria Nina, ela saiu de Kracóvia em direção a Lodz, a pé, acompanhando uma leva de poloneses e outros eslavos. Era época de inverno – como sempre, rigoroso. Nina contava que precisou atravessar um rio congelado, ficando molhada. Ela mesmo comentava: “Não sei como consegui chegar em Lodz”.

Em 1939, os russos estavam invadindo a Ucrânia. Foi o medo dessa invasão que levou Antonin e sua família a fugir para Lodz. Dizem que, na época, falava-se muito que os alemães tratavam melhor os eslavos, como, por exemplo, tchecos, do que os russos, os quais, embora também fossem

eslavos, tinham a fama de tratarem mal todos os outros povos eslavos. Assim, fugindo da invasão russa, ficaram numa cidade polonesa.

Em agosto de 1939, em Luck, iniciaram-se os preparativos para a guerra.

Os prefeitos das cidades da Ucrânia obrigaram a população a entregar os cavalos, charretes e automóveis para o exército polonês. Novecentos tchecos entraram de imediato para o exército polonês, e outros dois mil fizeram o treinamento básico.

Esta situação não agradou Antonin, que, para não fazer parte desse exército ou ser levado para Gulag, campo de concentração, fugiu. Não sabemos de que maneira ele fugiu, nem como chegou a Lodz.

Antonina teve de fugir de Luck também.

Embarcou com Marila num vagão de carga, acompanhada de uma amiga, parece que de nome Pyerini. No vagão, além delas, havia outras pessoas. Todos estavam sentados no chão forrado de feno. Não havia banheiro e muito menos água. Tanto um como outro tinha de ser providenciado quando o trem parava nas estações. Numa estação, Pyerini desceu por algum motivo, ir ao banheiro ou buscar água, e não voltou.

O trem partiu sem ela, e a família Teodorowicz nunca mais soube de seu paradeiro. Sua bagagem ficou com Antonina, que a levou até Praga e só abriu anos mais tarde, em Praga, esperando o retorno de Pyerini.

Não sabemos precisar quanto tempo durou essa viagem, mas não deve ser pouco tempo.

Antonina conta que, na fronteira da Polônia com a Tchecoslováquia, o trem ficou parado por muito tempo, pois todos precisavam passar por exames médicos. Assim, permaneceram no vagão e foram examinados por um grupo de alemães que se diziam ser médicos e que examinariam os recém-chegados e catalogariam seus nomes. Todos passaram por exames – que pareciam estranhos, como medir a cabeça, olhar a cor dos olhos, do cabelo, a cor da pele etc. Os alemães étnicos – os que viajavam no mesmo comboio – achavam graça em tudo que era feito. Um deles riu muito, e um médico alemão, ao perceber isso, disse “O senhor não sabe a importância que esses exames têm para definir o seu destino”.

Somente ao escrever esta história a autora tomou conhecimento do significado desses exames. Hitler já queria fazer da Europa uma terra, um país somente habitado por arianos puros, baseando esta escolha no aspecto deles: pele clara, olhos azuis ou verdes, de preferência, às vezes castanhos muito claros, cabelos louros.

Só ao escrever essas linhas e pesquisar o que significavam esses exames, a autora entendeu que se tratava de uma seleção “racial”.

As pessoas eram catalogadas em três tipos: Letra O para pessoas racial e politicamente aceitas para morarem no Reich – nessa época, Hitler já considerava a Polônia como fazendo parte da Alemanha. Letra A, para pessoas que teriam de passar por quarentena em campos especiais, para receber “educação”, e que não podiam morar no Reich, Alemanha, antes da invasão dos países eslavos. A letra S para pessoas indesejáveis, que eram mandadas de volta de onde vieram, fora do Reich.

Não sabemos se eram mandados de volta aos locais de origem ou se tinham como destino os campos de concentração e a câmara de gás.

A autora se pergunta, nos dias de hoje, como Antonina passou por esse exame. Seu cabelo era negro, cor de azeviche, olhos castanhos escuros. Talvez por causa de Marila, muito loira, no seu colo, ou talvez por Antonina ser considerada anfíbia²? Todos naquele vagão falavam várias línguas – polônês, tcheco, russo e ucraniano; assim, foram liberados para ir a Lodz.

Foi uma longa viagem entre Luck e Lodz.

Havia muitas paradas e, quando os passageiros tinham de desembarcar, ficavam alojados em galpões.

Encontramos uma fotografia de um *lager* (tipo de campo de prisioneiros) que tinha, nos fundos, algumas malas delimitando o espaço; no chão, um cobertor, e Antonina sentada no chão, segurando uma menina, Marila.

² Conceito dos racistas alemães para designar pessoas políglotas, cuja identidade étnica era ambígua.

Antonina com Marila no lager, na fuga para Lodz

Antonina contava que o *lager* era muito limpo. Os alemães primavam pela limpeza e higiene. Não sabemos quanto tempo Antonina e a filha passaram ali.

Antonina contava que Marila pegou ali todas as viroses infantis, inclusive difteria, apesar da extrema exigência de higiene pelas enfermeiras alemãs que cuidavam do local. Antonina sempre elogiava as enfermeiras alemãs. Contava que, certa vez, Marila, sem poder respirar, foi arrancada de seus braços por uma delas, que fez um “furo” na sua garganta (traqueostomia primitiva) para que a menina respirasse. Até hoje, Marila apresenta uma cicatriz.

A última doença que teve foi poliomielite, que a deixou com ambas as pernas paralisadas. Foi ainda uma enfermeira do *lager* que ensinou e orientou Antonina sobre como ela devia massagear e movimentar as duas pernas da menina.

Antonina acredita que foi devido a essas “massagens” que Marila ficou apenas com a perna esquerda paralisada.

É um mistério, até hoje, como Antonin sempre encontrava Antonina. Ele fugiu de Luck, não tinha endereço que pudesse deixar para Antonina, os telefones praticamente inexistentes, e, com certeza, os fugitivos não tinham acesso a ele. Enviar telegramas para qual endereço?

Lodz, em 1940, já carecia de homens para atividades civis, pois a maior parte deles havia sido recrutada pelo exército polonês. Ao surgir um ucraniano com habilidades especiais tanto nos cortes de carne como na fabricação de frios, foi lhe entregue um açougue.

Temos a impressão de que o que salvou Antonin foi sua habilidade na fabricação de frios, atestado por seu diploma que ele exibia e que lhe abria portas.

Lodz

Difícil imaginar como o casal se encontrou em Lodz. A primeira lembrança da autora é de os três estarem num apartamento, no primeiro andar, bastante amplo.

No térreo do mesmo prédio, havia um açougue grande, ligado a um salão com mesas e algumas máquinas para fabricação de frios, e um pátio com alguns “quartinhos”.

Antonina, que sempre ajudava o marido, achou uma excelente serventia para os “quartinhos” no pátio. Arrumou alguns barris de madeira e, na época da colheita do repolho, comprava grande quantidade e passava os dias cortando-os bem fininho, numa pequena mesa, e os colocava dentro do barril. Não sabemos como os temperava. Pouco tempo depois, o repolho se transformava em chucrute, comida preferida tanto dos escravos como dos alemães, a qual era vendida e lhes rendia também algum dinheiro.

A família ocupava um quarto grande. Um dos quartos era ocupado por Nina. Além de não sabermos como Antonin se encontrou com Antonina, também não sabemos como Nina chegou lá. A única lembrança desse “alojamento” era a de que Nina morava num dos quartos e trabalhava num hospital perto, como enfermeira. O terceiro quarto era de Boris e mais dois rapazes. Novamente, um mistério de como Boris apareceu em Lodz. Em frente ao prédio, havia um parque, com uma igreja ortodoxa e um abrigo antiaéreo subterrâneo. Ao lado do prédio, havia uma praça muito grande, pavimentada com paralelepípedos, a qual terminava numa estação de trem desativada.

Em Lodz, durante a ocupação alemã, todos eram obrigados a falar alemão. Marila guarda uma lembrança muito viva de estar brincando na calçada com uma menina alemã, ambas conversando em polonês, quando, de repente, surgiu a mãe da menina, brava, gritando em alemão: “Com minha filha, você só pode falar alemão”. Assim, nunca mais falou com a menina em polonês.

A autora Marila se pergunta, hoje, como e quando aprendeu alemão. Foram apenas 5 anos de dominação germânica, mas, quando a

guerra terminou, era fluente em alemão. Lembra-se de que sua mãe, que não falava alemão, muitas vezes costumava “usá-la” quando não sabia dizer alguma coisa ou, se não entendia, perguntava à filha e justificava para o interlocutor: “*Marila ist meine Dolmetcherin*” – Marila é minha intérprete. Parece que Marila tinha de aprender alemão também para agradar à mãe.

Antonin gostava de ajudar os outros no que podia. A autora se recorda de que, aos sábados, ele ia chamando aos poucos as crianças que brincavam na rua. Independentemente de serem polonesas ou alemãs, mandava as crianças ficarem em fila, e cada uma recebia uma fatia de algum salame, mortadela ou outro frio. Quando conhecia a criança e seus pais, muitas vezes Antonin embrulhava um pedacinho de carne e mandava levar para entregar em casa, para a mãe cozinhar. Isso era proibido pelos alemães e não sabemos como ele nunca foi pego. Algumas vezes, entrava um soldado alemão bem na hora em que Antonin distribuía uma fatia para as crianças. Antonin poderia ser pego em flagrante e ser, no mínimo, preso. Mas ele tinha saídas para isso, dizia: “Que bom que vocês chegaram”. Imediatamente, oferecia fatias de frios aos soldados e, com isso, disfarçava que as crianças estavam ali para receber também uma fatia. As crianças, já orientadas anteriormente, saíam discretamente do açougue.

Hoje acreditamos que os frios que Polônês oferecia aos soldados, de certa forma, faziam com que eles “não enxergassem as crianças”. Ou talvez o lado humano, que com certeza muitos soldados alemães tinham, fazia com que se compadecessem das crianças polonesas.

Esse hábito de oferecer, seja um frio, seja um pedaço de carne, perpetuou-se e, já no Brasil, quando, aos sábados, após o expediente, os empregados já iam embora, Polônês dava-lhes um pedaço de carne, salame ou mortadela.

Outra lembrança que Marila tem é do racionamento do leite, e as famílias que tinham crianças podiam comprar apenas 1 copo de leite por criança, nunca mais que isso. Antonina dava para Marila um copo de leite e um pedacinho de chocolate que ela comprava no mercado clandestino.

Nina foi trabalhar como enfermeira em um hospital perto do apartamento. O fato de ela ter aprendido alemão, e não francês, no Sacré-Coeur em Kracóvia, facilitou tudo para ela e para Marila posteriormente.

A família sempre se lembrava desse fato: “Graças a Deus você aprendeu alemão, e não francês”. Antonina dizia isso toda hora.

Em 1940, foi implementado um programa nazista, uma lei chamada T4, cuja finalidade, determinada por Hitler, era fazer da Europa ocupada pelos alemães um país de arianos puros. Assim, Hitler determinou o extermínio de todos os deficientes, tanto físicos como mentais. Os deficientes e os idosos eram sistematicamente encaminhados para campos de concentração e, de lá, para câmaras de gás. Auschwitz era o campo de concentração preferido por sua localização, o mais perto de Lodz. Incluíam aqueles também que necessitassem de internações prolongadas, mesmo com chances de sobreviverem.

Nesta época, a Gestap, descobriu Marila, tinha sequela de pólio, o membro inferior esquerdo paralisado, e por isso andava de muletas. Em uma tarde, o apartamento foi invadido por soldados que vieram buscá-la. Não sabemos o que falaram, do motivo pelo qual vieram buscá-la. Antonina, apavorada, comunicou-se com Nina, que apareceu rapidamente, pois o hospital em que trabalhava ficava perto da sua casa. Nina explicou aos soldados que um determinado professor alemão que trabalhava no mesmo hospital que ela fazia experimentos de tratamento de poliomielite e, caso levassem a menina, essas experiências se perderiam. O alemão fluente, mais a mentira bem contada, salvaram a vida da menina.

Parece que a única marca que ficou foi a ojeriza que, até a presente data, Marila tem, de sapatos de verniz pretos – os quais lhe trazem à lembrança as botas de verniz negras, extremamente brilhantes, que a cercavam, quando sentada no chão da sala do apartamento. Não consegue nem calçá-los e nem mesmo olhá-los na vitrine. Descobriu o motivo desse pavor durante sua análise.

Algumas palavras sobre a menina Marila. Antonina soube que havia um médico em Viena, especialista em paralisia infantil. A família era extremamente econômica, assim conseguiu juntar algum dinheiro e foi com Marila para Viena.

As lembranças maiores de Viena são de um tratamento com luzes que passavam em sua perna; entretanto, o melhor resultado é que foi feito um aparelho que lhe permitia andar. Mas a melhor lembrança presen-

te, até os dias de hoje, que Marila tem de Viena, é o parque de diversões, o qual existe até hoje e para onde a mãe a levou.

Ao visitar Viena, já adulta, numa viagem de turismo, visitou esse parque – Parque Prater –, até hoje uma lembrança agradável.

Uma das exigências dos alemães era de que as crianças estudassem. Marila foi matriculada numa escola, não lembra com que idade, mas se recorda de estar sentada numa carteira escolar baixinha e a professora passando ao lado, pegando seus braços ou cotovelos e colocando suas mãos entrelaçadas nas costas. A postura tinha de ser sempre ereta. Outro fato que recorda e que valeu para a vida toda foi como estudar. Era terminantemente proibido decorar. Por exemplo, não bastava saber que 2×2 são 4, mas tinha de entender e até fazer a conta que $1+1+1+1$ são 4. *Ao escrever essas linhas, lembra das dificuldades que tinha ao decorar verbos ou história já no Brasil. Sempre precisava fazer alguma ligação. No final das contas, isso lhe foi vantajoso e o é até hoje.*

No Brasil, bastava decorar sem saber por quê. Ao mesmo tempo, seu sistema de estudo lhe proporcionou grande capacidade de aprender tanto Português como outras línguas. Desnecessário dizer a facilidade que tinha em Matemática e outras matérias, inclusive médicas, mas que exigissem raciocínio. Não bastava mostrar no mapa onde ficava a América, mas precisava conhecer o trajeto, contorno e outros detalhes. Era bem diferente do que simplesmente decorar. Esse tipo de raciocínio facilitou muito seu aprendizado em todas as matérias. E esse ensinamento Marila levou vida afora; ela considera isso um grande e único lucro que obteve da escola alemã.

A única coisa desagradável, se é que podemos falar assim, era a obrigatoriedade de falar alemão. Desagradável para a criança, mas o “vício” em raciocinar, com certeza, trouxe muitas vantagens no aprendizado ou qualquer outra atividade.

Mas temos que falar também de Bóris, o sempre presente Bóris. Ele conseguiu se juntar à família também em Lodz. A grande incógnita quanto ao Bóris é de como ele sempre conseguia encontrar Antonio e Antonina.

Daquela época em Lodz, Marila tem duas lembranças dele: uma

comprando tulipa para ela, Marila, dar para a mãe no Dia das Mães. E outra, ele correndo com ela nos braços, carregando-a à noite no meio de uma porção de pessoas para se refugiarem no abrigo antiaéreo durante bombardeio, situado no parque em frente ao prédio. Marila se recorda do céu iluminado, porção de balões coloridos, em geral vermelhos ou brancos, não sabe se é uma lembrança real ou fruto de fantasias que o Boris criava para acalmá-la. O barulho de bombas era ensurdecedor e, pior ainda, era o barulho da sirene que avisava os habitantes do bombardeio, quando toda a população corria para abrigos antiaéreos. Não há necessidade de dizer que, no dia seguinte aos bombardeios, havia muitos escombros. O prédio em que moravam nunca foi atingido.

Fazendo um parêntese ali, quando chegaram ao Rio de Janeiro, havia sirenes de ambulâncias, e Marila se arrepiava, se encolhia toda vez que ouvia esse som. Apesar de saber que se tratava apenas de ambulância, o som lhe trazia o terror dos bombardeios do passado, e essa sensação durou muito tempo.

Em 1945, os russos entraram em Lodz. Escondidos no porão para fugir das balas, diante das janelas altas, passavam botas, ora extremamente limpas e lustrosas, acompanhadas de sons em alemão, ora enlameadas e, muitas vezes, até rasgadas, sempre acompanhadas de palavras russas.

Lembramos desse fato, uma vez que foi a própria Antonina que teceu um comentário: “Os alemães sempre estão limpos e os russos sujos, fedidos e bêbados”.

Já sob ocupação russa, Marila também viu essa diferença: os soldados russos não tinham higiene, era justamente o contrário dos soldados alemães. Tinha uma diferença positiva, Marila não se lembra de um sorriso de soldado alemão, ao contrário dos soldados russos, que sorriam e, muitas vezes, faziam macaquices, brincando com ela.

Com a invasão de Lodz pelos russos, Antonio teve de fugir. Nunca soubemos o porquê. A única fantasia que temos a respeito é a de que poderia ser considerado colaboracionista.

A vida da família nessa época era relativamente boa, e isso poderia ter sido interpretado como consequência de algum tipo de colaboracionismo; talvez alguém tivesse pensado e denunciado, mas, se fosse colaboracio-

nista, teria distribuído fatias de salames para as crianças e mandado pedacinhos de carne para seus pais? Antonin não era colaboracionista.

Foi somente ao escrever essas linhas que a autora se lembrou das inúmeras visitas de soldados alemães que olhavam embaixo das camas, dentro dos armários, batiam nas paredes, procuravam esconderijos, judeus, mas nunca os encontraram, nem Antonio nunca os escondeu, apesar de sabermos, hoje, que sempre os ajudou.

Não sabemos por que Antonio fugiu de Lodz, após a chegada dos russos. Sabemos que os russos estavam atrás dele.

Antonina foi presa e, quando retornou, Marila pôde ver as suas costas azuis por ter apanhado, para que confessasse onde estava Antonio. Mas ela não sabia.

Também não sabemos como a família saiu de Lodz para Praga. Acreditamos que o sobrenome da Antonina – Hajna –, sobrenome de solteira tcheco, tenha ajudado nisso. Deveria haver, ainda, algum documento no qual constava o nome dos pais e avós, que também tinham nome tcheco – Stehlik. Tudo isso deve ter ajudado a família a sair. Não temos lembrança de como foi, mas não deve ter sido fuga, pois o baú enorme de madeira os acompanhou até Praga.

Novamente, Antonio não fugiu junto da família, mas encontrou a família em Praga.

O ponto de interrogação, até hoje, é: como Antonio chegou até Praga?

Praga

A família de Antonin chegou a Praga em 1946.

Com a derrota da Alemanha, muitos haviam fugido, e o governo distribuía os apartamentos para os tchecos que retornavam ao país. Assim, Antonin e sua família foram alojados em um apartamento grande, mobiliado, com enormes janelas. Estamos nos referindo às janelas porque era o que a Antonina mais prezava.

A autora se recorda de que a maior queixa de Antonina, já no Brasil, era o tamanho das janelas na casa em que moravam. Havia até um certo desprezo no olhar dela, toda vez que, por algum motivo, ela as olhava.

Além de Antonio, Antonina e Marila, um dos quartos era ocupado por Bóris e sua mulher Eugênia. Bóris havia se casado na Polônia e, como sempre, dava um jeito de acompanhar a família do polonês.

A autora afirma que Antonin, apesar de não ser descendente de tchecos, falava a língua fluentemente.

Apareceu também para morar num dos quartos Jorge Chramosta, parente distante de Antonina.

Na enorme sala do apartamento, havia um piano de cauda, e Jorge costumava tocar.

Como havia falta de mão de obra especializada, Antonin conseguiu um açougue com espaço para montar sua fábrica de frios com toda a facilidade e, é claro, levou Bóris para trabalhar com ele.

Nina também morava ali e trabalhava num hospital próximo. A mãe de Antonina, Emilie, apareceu como se caída do céu. Não sabemos bem a idade dela, mas parece que beirava 80 anos. Ficou alojada no quartinho de empregada, quarto pequeno com varandinha. A família estava reunida.

Nina, a filha mais velha, assim que chegou, matriculou-se na Universidade de Carlos IV para terminar o curso de Enfermagem e, ao mesmo tempo, trabalhava num hospital. Havia desistido de terminar Medicina, que havia começado em Cracóvia, visando trabalhar para ajudar no sustento da família.

Nina casou-se com Jorge.

Em abril de 1948, nasceu Paulo – Pavel –, o primeiro neto de Antonin e Antonina.

Em Praga, Antonina finalmente respirou e decidiu organizar a vida de uma forma normal, prezando sempre pela educação das filhas. Marila foi matriculada como interna num colégio de freiras franciscanas, sempre aquela ideia de Antonina: “São as freiras que educam”. Marila só saía para passar o final de semana com a família, saía sábado à tarde e retornava domingo à tarde. No início, era Boris ou Antonina que a buscavam.

Com o passar do tempo, a situação da cidade estava calma, e Marila saía sozinha, tomava o bonde e ia para casa.

Nina terminou a faculdade de Enfermagem na Universidade Carlos IV e trabalhava num hospital perto do local onde moravam.

Hoje, revendo todas as passagens pelas escolas católicas, Marila se pergunta: como sobreviveu a elas?

Relembrando hoje esse colégio de freiras franciscanas, Marila tem impressão de que era uma câmara de horrores. Havia regras as quais Marila achava absurdas, como o banho, o qual tinha de ser de calcinha e camiseta, ou uma camisolinha. Esses banhos eram sempre em grupos, e não havia chuveiros, somente banheiras, mas a água sempre estava quente. Era hábito das mães, devido ao alto preço da manteiga, mandarem, em copos, torresmos que eram guardados na banha, para serem comidos com pão. Às sextas-feiras, não se podia comer carne e, por conseguinte, nem torresmos. Como não havia manteiga, produto raro e muito caro, às sextas-feiras comia-se pão seco. Trocar de roupas somente quando sozinhas, entrar na capela somente com véu, missa era diária, a aluna tinha que confessar uma vez por semana, senão era vista como grande pecadora. Qualquer assunto relacionado ao sexo oposto era pecado.

Certa vez, Marila estava rindo, não lembra o porquê, diante de um armário no qual uma freira estava fazendo revista, procurando não sei o quê. Não conseguindo conter o riso, a irmã se irritou e lhe deu um tapa no rosto, o único tapa que levou na vida.

Vamos relatar um fato que Marila entendeu apenas anos mais tarde. Havia meninas no colégio que estudavam na mesma classe que ela,

entretanto o uniforme era diferente. Estas meninas Marila via muitas vezes lavando o chão fora dos horários de aula.

Anos mais tarde, já estudando novamente em colégio de irmãs salesianas em Campo Grande, notou que havia colegas de classe que vestiam uniformes diferentes. Elas as via nos intervalos das aulas fazendo serviços de limpeza, como varrer o chão, lavar os banheiros e outros.

Marila achava isso injusto. Que trabalhassem, mas por que teriam de se diferenciar das outras usando outro uniforme? Era como se fosse uma humilhação para essas meninas.

A primeira língua a ser introduzida nas escolas da Tchecoslováquia – o aprendizado era obrigatório – era a língua russa. Marila já falava russo, aprender o alfabeto cirílico foi fácil.

A vida transcorria calma.

Novamente não sabemos como os primos e a mãe de Antonina apareceram em Praga. Falava-se muito em “repatriação dos tchecos”. Mas por que repatriar Emilie? – a avó de mais de 80 anos que veio a falecer em pouco tempo.

A situação política do país estava piorando cada vez mais. O país vivia num clima de tensão e muitos tchecos estavam fugindo para outros países.

A situação política da Tchecoslováquia era instável. O governo tcheco, em fevereiro de 1948, cancelou todos os passaportes emitidos até aquela data. As liberdades pessoais de sair do país estavam restritas. Só podiam sair aqueles que tinham passaporte tcheco especial.

Antonin, intuindo “tempos ruins”, decidiu deixar a Tchecoslováquia com a família. Em março de 1948, ele conseguiu visto de saída para ele, Antonina e Marila, para a Argentina. Deixou tudo para trás. Dizem, mas a autora não sabe se é verdade ou lenda, que Antonin levou uma caixa de joias e moedas em ouro, bem camufladas nas roupas para que não fossem encontradas na revista que era muito rígida na fronteira.

Foi Antonin, às pressas, que buscou Marila no colégio e foram diretamente para a estação ferroviária. Antonina já estava lá junto a um casal e um homem. Eram judeus e, pelo que sabemos, foram eles que haviam

conseguido o visto de saída da família Teodorowicz. O casal Andrei Levy com a esposa, e um homem mais jovem – Myron Kluge.

Não sabemos qual era exatamente a ligação de Antonin com eles. Apenas sabemos que seriam companheiros de viagem até a Argentina.

Ao chegar, Marila perguntou pelo baú. A resposta foi que já estava embarcado.

Marila soube anos mais tarde que o último trem que saiu da Tchechoslováquia foi o deles, sendo as fronteiras fechadas depois disso.

Em maio de 1948, chegaram a Paris.

Paris 1948

Em maio de 1948, Antonin, sua família e os três amigos chegaram a Paris.

Vamos abrir um parêntese: foi apenas ao fazer a história dele que Marila se lembrou que, muitas vezes, Antonio se apresentava como joalheiro. Anos mais tarde, uma tia, irmã da mãe, numa viagem de férias que Marila fez à Tchecoslováquia, comentou que Antonio saiu de Praga com uma caixa cheia de joias, entre ouro e pedras preciosas. Ela parecia magoada e até hoje Marila não entende o porquê.

Essa história deve ser verdadeira, pelo menos a da caixa com as joias, pois como teriam sobrevivido em Paris? É muito vaga a informação de que Antonin arrumava trabalhos ocasionais, principalmente como joalheiro, mas é possível que a sobrevivência da família tenha se dado por algumas negociações com as joias que Marila nunca viu, mas sobre a qual ouviu falar anos mais tarde.

Em Paris, ficaram hospedados em um hotel pequeno, na rua Arc. de Triomphe. Não era na avenida, que era uma rua larga que começava no Arc. de Triomphe e descia em linha reta, paralela a outras avenidas que começavam ali. Era apenas uma rua estreita sem saída, cuja entrada se dava pela avenida do mesmo nome. Prédio com não mais que cinco andares, cada andar com alguns quartos e um único banheiro localizado no final do corredor de cada andar. Na época, podemos considerar como um hotel modesto.

Os companheiros de viagem, Miron, Levy e sua esposa, também ficaram hospedados ali.

Não podemos deixar de falar a respeito do cachorrinho, um pequenês, do casal Levy. Era a diversão de Marila, pois lhe permitiam passear com ele, sempre na coleira, pelas ruas de Paris.

Marila, sempre ávida de aprender, descobriu que Miron tinha um livro de gramática em Espanhol. Assim, conseguiu que ele dividisse o livro com ela. Aprendeu alguma coisa – eu, tu, ele, ela, e mais algumas palavras que, por mais insignificantes que fossem, ajudaram-na no Brasil, dada a semelhança com o Português.

Ficaram um ano em Paris esperando pelo visto de entrada para a Argentina.

Existe algo confuso: se saíram da Tchecoslováquia com visto para o Argentina, por que tinham que ficar esperando 1 ano em Paris para conseguir o visto para viajar?

Faziam muita economia. Marila lembra que Antonina fez ou comprou um pequeno fogareiro a álcool no qual costumava cozinhar alguma comida. A comida que Marila lembra eram sopas com pedacinhos de carne, batata, repolho, beterraba, às vezes cenoura.

Ela costumava sair e passear pelas ruas, nunca se afastando muito do hotel. Admirava as vitrines de moda, principalmente uma, cujo manequim usava um vestido de baile. Sempre olhava o vestido, e a lembrança ficou tão viva que, por ocasião de sua formatura, em 1964, no Brasil, desenhou e mandou fazer um igual.

Antonina conheceu uma senhora, talvez de nacionalidade ucraniana, ou russa, que precisava de alguém para reformar roupas. Essa senhora morava em frente ao Bois de Boulogne, e, visando oferecer um ar melhor para Marila, aceitou o serviço. Enquanto costurava, Marila passeava pelo bosque. Ela se recorda de que seu passeio era com o cachorrinho pequinês, e o devolvia aos seus donos à noite, quando voltavam ao hotel.

Antonina sempre falava que queria ir para Santuário de Nossa Senhora de Lourdes no sul da França, para pedir um milagre para a filha, a voz corrente era de que lá ocorriam milagres e quem sabe Marila deixaria de andar de muletas ou com aparelho. Claro, isso foi impossível, pois não havia dinheiro para tal; porém, anos mais tarde, mais ou menos em 1958, no Brasil, RJ, Marila submeteu-se a várias cirurgias que lhe permitiram andar sem muletas ou aparelhos.

Antonina costumava manter contato muito frequente com Nina, que havia ficado em Praga, casada e com um filho de 3 meses. Desde que chegaram a Paris, comprava pacotinhos de chá preto e enviava para Nina. Muitas vezes, fervia água e, no vapor, abria o celofane do chá. Com muito cuidado, introduzia, no meio dele, alguns dólares ou algumas vezes meias de nylon e fechava-os novamente, cuidadosamente. A França também estava em crise, como toda a Europa Ocidental.

Marila também queria dar alguma coisa para o sobrinho, assim Antonina comprou lã e agulhas de tricô, e ela tricou sapatinhos e meias de criança que era mandados pelo correio – isso era permitido.

Era uma época tumultuada. A família passando por muitas dificuldades. Antonio saía quase que diariamente, não sabemos onde ia. Havia muitas brigas entre o casal, algo relacionado com jôquei ou carteados.

Marila podia sair sozinha e assim conheceu muito bem os arredores de Etoile; independentemente disso, Antonina muitas vezes a levava para conhecer lugares mais distantes, entre os quais, Marila lembra de Versalhes. Uma coisa que gostava era andar de metrô, apertava um botão para o local onde queria ir e, num “grande mapa” que existia nas paredes do metrô, aparecia todo o trajeto iluminado em vermelho. Era só tomar o metrô e seguir o trajeto.

Em janeiro de 1949, a família Teodorowicz e seus amigos pegaram o trem para Marselha, onde embarcariam no navio chamado Campagna, que os levaria para a Argentina, via Brasil.

Marselha é uma cidade portuária antiga, em que as ruas são de paralelepípedos; à época, estas eram relativamente estreitas e sujas. As casas e os prédios também lhe pareciam cinzentos e sujos. Era um período difícil, as notícias que vinham da Europa Oriental eram terríveis, relacionadas à invasão dos russos.

Antonin sempre procurando dar algum conforto para a mulher e a filha, conseguiu uma cabine para as duas. Era um “quartinho”, com uma janelinha redonda, e havia apenas um beliche. Entre o beliche e a parede não tinha mais que um metro, o banheiro era coletivo, situado no final de um corredor enorme, que parecia não ter fim.

Antonio ficou dormindo em um alojamento coletivo. Pela descrição que nos fez, era um espaço enorme, cheio de camas de solteiro. Não sabemos quantas pessoas havia ali.

O navio fez uma escala em Dakar. A única lembrança que Marila tem dessa cidade é a de que, olhando para o cais, viu dois homens vestindo roupas brancas – túnicas compridas e muito largas. Estavam de cócoras no meio da rua, descalços, um em frente ao outro, e, entre eles, havia algo que parecia uma tigela ou panela, com alguma coisa muito branca

dentro. Eles colocavam a mão dentro da panela, tiravam algo branco e comiam. Marila não conhecia arroz, mas, quando viu pela primeira vez, já no Brasil, identificou como arroz a “coisa branca” que os dois homens lá no cais, em Dakar, comiam. Era uma visão estranha que a deixou com medo. O mais estranho era o contraste entre a cor da pele, totalmente negra, e as roupas brancas que vestiam. Marila já havia visto alguns negros nas ruas de Paris, mas jamais vestindo túnicas brancas brilhantes. Esta visão guarda até os dias de hoje.

A lembrança dessa viagem era de que Marila escapava até a parte de cima do navio, onde era a primeira classe, debruçava-se no parapeito e admirava o mar.

No navio, o calor parecia crescer de intensidade. À noite, os imigrantes tocavam acordeão e dançavam alegres. O navio navegava por uma imensidão sem limites, havendo somente mar. Todas as tardes, eram tocados discos pela tripulação.

Com o passar dos dias, o calor aumentava e o sol parecia cada vez mais amarelo. Não sabemos quantos dias depois começaram a surgir, bem ao longe, as terras da costa brasileira – costa brasileira, conforme um marinheiro lhe disse.

No dia seguinte, começou um estardalhaço, a costa brasileira estava cada vez mais próxima. As pessoas se amontoavam no convés para ver.

Finalmente, o navio atracou no Rio de Janeiro.

Contrariamente ao previsto e sempre lhe falado, Marila não teve náuseas.

A viagem durou 3 semanas. Miron, Levy e sua esposa também desembarcaram. Foi a última vez que Marila os viu.

Segunda parte:
Brasil

Rio de Janeiro

Antonin e a família foram recebidos por um homem que os esperava. Foram encaminhados para um táxi, que os levou para um hotel, na rua Mem de Sá, no centro do Rio de Janeiro. Era um hotel pequeno, numa rua estreita. Havia quartos pequenos e um banheiro em cada andar.

Pensando agora, a autora se pergunta: onde ficou o baú? Ele não caberia no táxi? Não tem resposta, mas ele acabou aparecendo em Campo Grande.

Das lembranças dessa época, andando na rua, Marila via mulheres de saias compridas e coloridas, muito franzidas, descalças, com enormes bacias na cabeça, cheias de verduras ou de frutas.

Uma delas tinha bananas – fruta raríssima e caríssima na Europa, onde Marila comeu apenas uma vez. Antonina comprou um cacho de bananas e Marila se empanturrou.

Uma outra lembrança que a autora traz é de uma situação ocorrida num restaurante. Desenharam para o garçom uma galinha e o prato que veio era de ovos. Todos riram e comeram os ovos. Afinal, o garçom não tinha culpa nenhuma.

A terceira lembrança que persiste até hoje é a de que Marila estava no quarto do hotel e, de repente, viu um bicho “enorme” saindo debaixo do armário, o qual hoje ela sabe que era uma barata. Ela tinha pavor de baratas. Pegou a muleta – andava de muletas naquela época – e tentou atingir a barata. O efeito foi o contrário. Ela veio na sua direção. Curioso é que ela não consegue se lembrar de como terminou essa caçada. Mas o resultado é de que até hoje tem pavor de baratas.

Ficaram cerca de 3 semanas no Rio de Janeiro, esperando o visto para a Argentina. Antonina ficava com a Marila, mas Antonio saía diariamente e, em geral, era um homem que vinha buscá-lo; para onde ia e o que fazia, não se sabe.

Contrariamente a Paris, onde Antonina levava a filha para uma porção de lugares, no Rio de Janeiro, não se lembra de terem andado mais que duas quadras longe do hotel.

Marila não sabe por que ficaram tanto tempo esperando, pois, pela lógica, se desembarcaram no Brasil é porque já tinham o visto.

Um dia, bem cedo, apareceu o mesmo homem que vinha buscar Antonio nos outros dias. Denotando muita pressa, pediu para a família fazer as malas e todos se instalaram num táxi que já os esperava na porta. Foi um momento muito tumultuado. Não sabemos sequer se Antonio entendeu pra onde iam. O táxi andou pouco. Parou na frente de um galpão comprido, sem portas nem janelas. Do outro lado dessas entradas, havia enormes janelões de vidro, pelos quais se via inúmeros aviões; era o aeroporto.

Antonio estava saltitante. Finalmente iria chegar ao destino. Depois de trâmites que pareciam confusos, a família entrou numa fila e se dirigiu ao avião.

Marila sentou numa poltrona da frente – era um avião com duas fileiras de poltronas, separadas por um corredor estreito. Do outro lado do corredor, na sua frente, sentou-se uma mulher estranha, vestia roupas rodadas e compridas e estava descalça. Marila tem a impressão hoje de que era uma indígena. Quando o avião começou a levantar voo, essa mulher passou a vomitar. Até hoje Marila não sabe como não vomitou também, pois esta visão era repugnante.

O voo foi tranquilo. Antonio e Antonina estavam sentados na poltrona atrás de Marila.

Marila estava amedrontada e não sabia como estavam seus pais, pois era a primeira vez que eles andavam de avião.

Campo Grande

Mato Grosso – 1948

Finalmente o avião pousou, uma escala antes de ir para Assunção, Paraguai; outra escala para finalmente chegar ao destino final – Buenos Aires, Argentina, na época considerada a segunda Suíça. Era o paraíso naquela época. Era um país muito rico. Corria muito dinheiro, indústria, e o país estava se desenvolvendo.

Os passageiros foram encaminhados para uma casinhola, que curiosamente, ao adentrarem, revelou ser um salão enorme com balcão e uma porção de cadeiras encostadas em todas as paredes.

Não se sabe como, mas Antonin e sua família entenderam que o avião não seguiria mais para a Argentina, pois teria de parar em Assunção, Paraguai, e o presidente de lá, Strossner, havia fechado as fronteiras. Como eles entenderam isso? Se é que entenderam.

A família foi encaminhada para um táxi (“táxi”, palavra que todo mundo entendia), o qual, depois de atravessar ruas não asfaltadas, que levantavam poeira vermelha à passagem de qualquer carro, parou em frente a um prédio.

Era um hotel, a rua era de terra, mas as calçadas já estavam cimentadas. Era o Hotel Americano, situado numa esquina da rua 14 de Julho com a rua Cândido Mariano, o único prédio de cinco ou seis andares. Aliás, era o único prédio da cidade e o qual existe até hoje.

Instalados, Marila não entendia por que tinha que ficar ali.

Ninguém da família falava Português, e o Francês, que Marila havia aprendido com as crianças em Paris, ninguém no lugar entendia ou falava.

Por meio de gestos, não se sabe como, o recepcionista do hotel entendeu que Antonin falava Polonês.

O recepcionista do hotel conhecia um polonês que poderia ajudar a família a se comunicar – Kazemiro Grzegorzewski – e, assim, apressou-se em chamá-lo.

Quando Kazemiro veio ao hotel, foi visível o alívio da família ao finalmente entender o que estava acontecendo.

Kazemiro era um homem baixinho, relativamente gordo, dono de uma vasta cabeleira loira ondulada, nascido em Dublin. Morava em Campo Grande, depois de passar pelos Estados Unidos junto do irmão, para onde haviam fugido no início da Segunda Guerra. Não se adaptaram nos Estados Unidos, resolveram vir para o Brasil. Decidiram, então, ir para Cuiabá, na época capital do estado de Mato Grosso. Em Cuiabá, ouviram falar de Campo Grande como uma cidade que estava crescendo rapidamente e onde podiam ganhar dinheiro facilmente. Adquiriram um hotel e contavam orgulhosos uma história que nele havia se hospedado o presidente Getúlio Vargas, mas a autora nunca conseguiu identificar este hotel, parece que naquela época ele já o havia perdido no carreado. Quando Antonin chegou a Campo Grande, o irmão de Kazemiro já havia saído da cidade.

Kazemiro, desde que conheceu Antonin no hotel, passou a ser seu intérprete e, posteriormente, tornou-se sócio no frigorífico.

Kazemiro era um jogador inveterado, não tinha uma profissão, sobrevivia apenas do jogo, mas foi de extrema valia como intérprete.

Como o hotel era muito caro, Kazemiro arranjou um quarto na casa de propriedade de uma viúva polonesa que tinha uma filha cega de nascença. Nunca soubemos o que as duas faziam em Campo Grande. Mas foi essa senhora que “apresentou” a Marila a cultura vigente na cidade naquela época, cujo resquícios existem até hoje.

Vamos descrever o ocorrido que marcou profundamente a autora, que só veio a entender esse fato anos mais tarde, principalmente ao ler Jorge Amado, que descrevia situações semelhantes.

O que ocorreu foi o seguinte: era uma dia ensolarado, e a autora, aos 11 anos de idade, vestiu um short e sentou-se em uma cadeira na frente da casa para tomar sol.

A dona da casa, quando a viu de short, ficou horrorizada e procurou Antonina, pedindo que mandasse a filha colocar uma saia, pois, se alguém a visse de short, não apenas a menina, mas ela, a dona da casa, seria “malfalada”.

Na época, ninguém entendeu, mas hoje a autora – menina naquela época – viu como as situações eram sexualizadas, fruto de fantasias reprimidas. Essas sexualizações persistem até hoje.

Instalados ali, Antonin já havia decidido ficar em Campo Grande. Uma vez que as fronteiras com o Paraguai continuavam fechadas, passou a procurar algo em que pudesse trabalhar.

Na cidade, havia pouquíssimos eslavos. Conheceu uma família russa, Pogodin. O pai era mecânico e tinha duas filhas, que se tornaram amigas de Marila.

Costumavam brincar muito na casa de Antonin, sendo que ele participava das brincadeiras, principalmente quando eram com mangueiras d'água.

Como surgiu o apelido pelo qual viria a ser conhecido na cidade – o Polonês?

Apesar de falarem em casa sempre em tcheco, na cidade ninguém sabia o que era tcheco. Para facilitar, Antonin e Antonina começaram a dizer que eram poloneses.

Foi Kazemiro que apresentou ao polonês o Naim Dibo, visando que eles fizessem algum negócio com um imóvel situado na Av. Mato Grosso, de propriedade dele, Naim Dibo. Era um imóvel construído por um alemão – Otto – que, além de não pagar os impostos da prefeitura, teve de fugir da cidade por ocasião da Segunda Guerra Mundial, quando os alemães eram muito malvistas e perseguidos pelos brasileiros.

Quando a prefeitura pôs o imóvel em leilão, Naim Dibo, como um excelente comerciante, comprou-o.

Estava situado na Av. Mato Grosso, bem em frente à Igreja e ao Colégio Salesiano – Dom Bosco.

Não sabemos como explicar, mas Naim Dibo confiou quase que imediatamente no Antonin e entregou-lhe a chave do imóvel, combinou o aluguel, sem nenhum contrato ou garantia por escrito que seja do nosso conhecimento. Simplesmente confiou, comunicou-lhe o preço do aluguel e Antonin nunca traiu sua confiança, pagava o aluguel em dia. Contam que, quando Antonin precisava de dinheiro Naim Dibo lhe emprestava

sem nenhum documento ou garantia, confiava na palavra dele, e ele jamais falhou.

Contam também que a primeira vaca que o polonês comprou foi com dinheiro emprestado pelo Naim, e que pagou na data combinada.

O prédio alugado consistia em um açougue com porta para rua, ligado a uma câmara fria enorme, refrigerada por um sistema que precisava de água. Esta água, para ser resfriada, caía do teto para um tanque retangular com cerca de 5 metros de comprimento que ficava na parede externa do açougue; na época, era um sistema moderno, hoje obsoleto. Essa câmara fria também permitia a fabricação de gelo, que Antonin também vendia. Era ligada a um salão enorme no qual havia várias mesas com máquinas próprias para fabricação de frios.

Todos esses maquinários necessitavam de consertos, ajustes.

O Polonês conheceu um alemão, Otto – apaixonado por tudo que era mecânico –, que revisou e consertou as máquinas. Era com ele que o Polonês muitas vezes ia a São Paulo, tanto para comprar peças como máquinas.

Dizem que Otto era apaixonado por tudo que era máquina e acabou ficando em São Paulo, abrindo uma fábrica para diversos motores, hoje bastante conhecida.

Havia um pátio muito grande nos fundos com uma mangueira. Logo na entrada do terreno, do lado direito, havia uma casa – cinco quartos enfileirados, um banheiro e uma cozinha enorme, com fogão à lenha.

Tudo precisava de limpeza e não havia móveis. Marila não se lembra com detalhes como foram comprados os móveis. A lembrança é de que o primeiro quarto ficou para o casal; o segundo, com Marila; o terceiro, sala de jantar; no quarto, Antonin fez um escritório; e o quinto servia de depósito. No final, ligado a esses quartos, havia um banheiro. Cerca de dois metros depois, havia uma cozinha com um enorme fogão à lenha.

O baú de madeira reapareceu, foi colocado aos pés da cama do casal. Uma das primeiras providências de Antonina foi tirar do baú os travesseiros e edredons de penas de ganso, colocando-os no sol para tirar a umidade. Não imaginava, naquela época, que os edredons seriam de

pouca utilidade, pois o clima campo-grandense era de um calor que nunca haviam conhecido.

O segundo quarto era o de Marila, com cama, armário e, o mais importante para Antonina, uma escrivaninha para a filha estudar. Marila ficou feliz com seu quarto, e a primeira providência foi arrumar os livros que havia “juntado” em Praga e mais alguns que comprou em Paris. Antonina jamais se opôs à compra de quaisquer livros, a cultura da filha era o mais importante para ela. Havia um livro em tcheco – “Prodaná Nevěsta” – que está até hoje na sua biblioteca. Marila “fabricou” uma estante pra ela, com duas caixas que eram utilizadas, naquela época, para transportar latas de gasolina. No terceiro quarto, foi comprada uma mesa de jantar e um bufê, onde a família fazia as refeições. O quarto foi transformado no escritório do Antonio com uma escrivaninha enorme e uma estante, onde Antonin resolvia todos os seus negócios.

Antonina fez uma limpeza com ajuda de uma empregada que contrataram para ajudá-la.

Lembramos que é dessa época a primeira história, contada pela própria Antonina, a qual mostra bem o senso de economia dela. Após fazer o primeiro pagamento para a empregada, esta, no dia seguinte, quando retornou ao trabalho, mostrava para todos, orgulhosa: “Olha só que óculos lindo que comprei pra mim”. Antonina, ao contar esse fato, disse “Que boba! em lugar de guardar o dinheiro e juntar, ela jogou fora comprando um óculos de sol, totalmente desnecessário”.

Esses “desperdícios” Marila viu também na escola. Havia um caderno de rascunho e um caderno para apresentar para professora. As crianças faziam as contas, redações no caderno de rascunho e depois as copiavam para o caderno, para mostrar à professora. A autora usava como rascunho qualquer pedaço de papel.

Contamos este fato para mostrar o senso de economia do casal, a ponto de permitir que, anos mais tarde, comprassem o frigorífico de Naim.

O frigorífico

O frigorífico precisava, além de pintura e limpeza, de conserto no maquinário deixado, como também na câmara fria. O Polonês passou a procurar um mecânico que pudesse pôr tudo em ordem.

Conheceu, assim, Wilhen. Era um alemão, mecânico, inteligente e conhecedor do ofício, que, junto de Otto, consertou tanto a câmara fria como todo o maquinário. Além disso, tornou-se o tradutor do Polonês e da mulher dele.

Por alguma razão, Wilhen largou seu ofício de mecânico e passou a trabalhar com o Polonês, não apenas nos consertos de máquinas, como também na fabricação de frios. Ficou anos com o Polonês.

O Polonês não demorou muito tempo para abrir o açougue.

Conta a história de que a primeira carne comprada foi meia vaca, com dinheiro emprestado pelo Naim e pago, religiosamente, na data combinada.

Não sabemos bem por que o Polonês fez de Kazemiro seu sócio no frigorífico. Ele possuía 30% da empresa. Entretanto ele não fazia absolutamente nada e não havia contribuído com qualquer quantia. Passava as noites jogando carteadado e dormia de dia no quinto quarto que ficava ao lado do escritório.

Inicialmente, ele era tradutor, mas em pouco tempo o Polonês conseguia se comunicar, além de ter ao seu lado o Wilhen, que lhe servia também como tradutor.

Logo no início, o Polonês começou a fabricar frios.

As embalagens dos frios ele mesmo preparava, não sabemos se usava as tripas dos porcos como invólucros que ele mesmo sabia preparar, somente algum tempo depois descobriu uma fábrica em São Paulo, que passou a lhe fornecer esses complementos.

Antonina trabalhava no caixa do açougue, sabia desossar e, muitas vezes, ajudava ou mesmo ensinava o açougueiro.

Tem histórias curiosas a respeito.

Logo quando Polonês começou a fabricar os frios, comprou uma vitrine refrigerada e instalou ao lado do caixa.

Antonina sabia vender. Assim, quando alguém entrava para comprar carne, ela cortava uma fatia do frio, colocava na ponta da faca e oferecia ao freguês para experimentar. Uma vez, ao oferecer uma fatia de frios ao freguês, em lugar de dizer “experimenta, senhor”, disse “paga, paga, senhor”. A pessoa não entendeu. O açougueiro, vendo a cena, começou a rir e disse: “Dona Antônia, não é ‘paga’, é ‘experimenta’”. Todos nos açougue caíram na risada.

Uma outra situação que ela relatava sem entender era por que as mulheres não desciam dos carros para comprar carne ou frios. Era o homem que descia, ia até o balcão e escolhia a carne. Muitas vezes, retornava até o carro para perguntar se queria esta ou aquela carne, ou mesmo para mostrar o pedaço da carne que estava comprando, para saber se era do seu agrado.

Antonina não entendia isso. Marila entendeu, anos mais tarde, ao somar outros fatores de comportamento vigentes na época, que a mulher não poderia entrar em ambiente que era de homens.

Apenas fazendo um parênteses: em 1981, quando Marila foi tomar posse no Conselho Penitenciário, não pôde ficar na sala junto a seus colegas homens. Havia uma sala só para senhoras...

E hoje ainda encontramos, nos restaurantes, mesas com grupo de casais de amigos, as senhoras sentadas juntas de um lado e os homens do outro.

Há outras situações...

Antonina, que ficava no caixa, não levava em consideração se tinha muitos homens ou mulheres. Na Europa, não era assim. Cada um se dava o respeito, não existia malícia.

Mas, ao escrever essas linhas, vejo como Campo Grande era maldosa. Era e ainda o é.

Ainda no ano 2000, a autora, ao sair do hospital onde dava aulas, foi ultrapassada por uma acadêmica que estava correndo: “Tchau,

professora, meu pai está me esperando, vai brigar porque atrasei”. A professora perguntou: “Por que não pega carona com um colega?”, e a resposta foi incrível: “Se meu pai souber que fiz isso, no mínimo me mata”.

No início, Antonina fazia também o almoço dos empregados, conhecia cozinhas europeias e não conseguia entender por que os empregados “torciam o nariz” e reclamavam diante de algumas comidas. Vamos citar apenas uma situação: ela preparou um repolho refogado, típico da comida alemã – repolho refogado com torresmos e carne de porco. Quando serviu aos empregados, junto de outras comidas, carne, arroz e batata, esses se mostraram ofendidos: “Isso é comida de porcos”. De certa forma, ela demorou a entender que eles queriam apenas arroz, feijão e carne; assim, foi contratada uma empregada, e Antonina passou a ficar somente no caixa do açougue.

A comida da família, em geral, era feita pela própria Antonina, pois Marila se recusava a comer arroz e feijão. Antonio também preferia batatas ou mesmo feijão.

Logo o casal descobriu que as *delicatésen* que ele fabricava na Europa não eram aceitas em Campo Grande. Por exemplo, no caso da morcela – *delicatésen* na Europa, um tipo de salame feito com sangue de boi –, aqui ninguém queria experimentar, faziam cara de nojo.

Assim se resumiu mais em fabricar salsichas, salames, mortadelas e linguiças.

Contam que alguém, não sabemos quem, chegou perto do Polonês e disse “Seu Antonio, põe mais sal e água na linguiça que assim aumenta o peso e o senhor ganha mais”. Não sabemos se o Polonês seguiu o conselho... Mas, com o passar do tempo, ganhou o suficiente para comprar o imóvel do Naim.

Acreditamos que foi a vida austera e econômica da família que permitiu que Antonio comprasse o frigorífico do Naim. Foi um alívio, a família se sentiu mais segura.

Os frios do Polonês, aos poucos, principalmente as salsichas, estavam se tornando cada vez mais famosas. Eram frequentes os alunos do colégio Dom Bosco, na hora do recreio, ou depois, passarem pelo

açougue para comprar salsichas e comer ali mesmo. Realmente, até essa data, as salsichas que o campo-grandense conhecia eram as enlatadas. As do Polonês eram suculentas e com mais gosto de salsichas do que de sal. Muitas vezes, as pessoas passavam e compravam dizendo: “Estou indo para São Paulo, vou levar salsichas para os amigos”.

Era uma época em que o cachorro-quente estava na moda. O casal resolveu então abrir uma lanchonete, na qual se venderia cachorro-quente e refrigerantes, ao lado do açougue. O sucesso foi tamanho, que então resolveram abrir uma outra lanchonete na rua 14 de Julho – rua principal da cidade, a poucas quadras do frigorífico.

Antonina passou então a se dedicar a ela.

A lanchonete foi um sucesso e dava lucro.

Kazemiro, ainda naquela época, era sócio do Polonês, mas não tinha nenhuma função.

Campo Grande apresentava muitas quedas de energia, o que automaticamente refletia no motor da câmara fria. Havia a necessidade de alguém ficar cuidando dos motores à noite. Foi a última função delegada ao Kazemiro.

Jogador de cartas inveterado, ele passava as noites jogando e dormia de dia. Uma noite em que acabou a energia e o motor quase queimou, Polonês decidiu romper a sociedade. Kazemiro aceitou a proposta de ficar com a lanchonete de cachorro-quente na rua 14 de Julho, em troca da dissolução da sociedade. Assim, a sociedade se desfez, sem contrato nem distrato. Novamente, o que chama atenção é que não havia nenhum documento escrito entre o Polonês e Kazemiro, eram apenas palavras. Vemos que o Polonês honrava o que combinava.

A lanchonete, entretanto, durou pouco tempo. Acreditamos que foi perdida no jogo. O jogo era mais importante para Kazemiro do que a lanchonete. Da mesma forma que ele apareceu, nunca mais se soube dele, e subitamente a lanchonete foi fechada.

O açougue e a fábrica na Av. Mato Grosso passaram a ser conhecidos como do “Polonês”.

A matança de gado – 1949 a 1950

Quando o Polonês chegou a Campo Grande, em 1949, a matança de gado era feita no Matadouro Municipal, localizado próximo aos córregos Prosa e Segredo, mais ou menos na altura do atual Horto Florestal.

A carne era enviada para os açougues em cima de carroças, sem nenhum cuidado de higiene, transporte muito primitivo, o que atraía milhões de moscas.

O Polonês ficava bravo, irritado, quando os empregados retiravam as peças das carroças cobertas de moscas e empoeiradas, tirando as peças de carnes que colocavam nas costas. Ele exigia que vestissem uma espécie de capa, que, depois de usada, era colocada em um tanque e lavada. Curioso como os empregados não entendiam esses cuidados mínimos de higiene. “Mas pra que isso?”. Não entendiam e às vezes até achavam que o Polonês os considerava sujos. O Polonês explicava, no pouco Português que já havia aprendido, as questões de higiene, mas, claro, ninguém entendia.

A pesagem da carne era feita de forma amadora, em geral havendo diferença no peso, podemos considerar, tanto conseqüente à evaporação no trajeto do matadouro até o açougue como à própria malandragem que ocorria.

Conta a lenda que a primeira meia vaca que Antonio comprou foi com dinheiro emprestado de Naim Dibo e pago exatamente no dia combinado.

Correm diversas histórias a respeito do Polonês.

Uma delas se refere a uma compra de gado do Chico Bandeira, em que, porque não tinha dinheiro no momento, não pagou.

Chico Bandeira, brabo, procurou o Naim dizendo que ia matar o Polonês, porque ele não pagou o gado que ele lhe vendeu.

Naim Dibo, preocupado, foi atrás do Polonês e lhe disse: “Polonês! Você paga Chico, porque Chico está brabo e vai te matar”.

O Polonês respondeu: “Oh, Chico tá bravo, hei! Ah, caga Chico...”.

Naim insistiu e ofereceu o dinheiro para o Polonês pagar o Chico Bandeira.

Emprestou o dinheiro e o Polonês chamou o contador e disse: “Barreto, Barreto! Chico tá braba, paga ele que ele vai matar nós”.

Assim o Naim salvou o Polonês, que lhe pagou o dinheiro emprestado poucos dias depois.

Vemos, nesta história, como Naim confiava no Polonês e também Chico Bandeira, que entregou o gado – sem receber e sem nenhum documento, sabendo que o Polonês pagaria e, com certeza, ele pagou e não foi por medo de ser morto.

A matança dos porcos no frigorífico

No Matadouro Municipal, abatia-se apenas gado. O Polonês precisava de carne de porco para fazer os diversos embutidos.

Decidiu, assim, matar os porcos no próprio frigorífico. Os porcos que ele comprava eram descarregados vivos no pátio. Ele os abatia ali. Havia construído uma grande caldeira e, quando a água já estava fervendo, iniciava o abate desses porcos. Era terrível o barulho, tanto quando os porcos eram perseguidos pelos empregados que os derrubavam no chão, como no momento do abate, um momento doloroso antes de morrer. Por mais destreza que Antonio ou os empregados tivessem, havia um espaço de tempo para enfiar a faca embaixo da “paleta esquerda”, lugar que eles conheciam com exatidão, para atingir o coração o mais rapidamente possível. Esse espaço de tempo, por mais curto que fosse, fazia o animal sofrer, e seus gritos eram terríveis, por mais rápido que fosse o procedimento. O porco, uma vez abatido, era arrastado até a caldeira situada quase no fundo do pátio, a água fervente era jogada nele, e os pelos, raspados.

Podemos imaginar tanto os gritos dos porcos ao serem perseguidos como o mau cheiro que exalava do sangue e dos dejetos. Com certeza, era uma situação que incomodava tanto os vizinhos como pessoas que passavam na rua. Uma vez limpo, o porco era esquartejado e levado para o espaço da fábrica onde era feita a desossa, separadas as carnes e feitos os embutidos.

Os embutidos fabricados ali eram supervisionados diretamente pelo Polonês. Dependendo do tipo, ou eles iam para o defumador, ou para fabricação de frios, ou vendidos diretamente ao freguês, no açougue.

Não sabemos ao certo como eram os primeiros invólucros dos embutidos. Parece-nos, mas não temos certeza, de que o próprio Polonês era quem preparava os invólucros das salsichas e das linguças, com os intestinos dos suínos ou, eventualmente, dos carneiros. O que é de nosso conhecimento é que, numa das viagens com Otto a São Paulo, ele descobriu uma empresa que fabricava esses invólucros e passou a comprá-los ali. Quanto tempo durou a fabricação “artesanal”, não sabemos.

O cotidiano da família

A família Teodorowicz continuava residindo nos quartos situados no pátio do frigorífico.

O Polonês, que não era polonês, nem tcheco, nem russo, mas ucraniano, acabou se tornando, em Campo Grande, “o Polonês”.

Supomos que esse apelido, “o Polonês”, foi uma consequência de vários fatores, talvez o principal fosse de que todos na cidade sabiam o que era polonês. Tcheco era totalmente desconhecido, ucraniano muito menos, russos todos sabiam quem eram, mas não eram “bem-vistos”. Assim ficou sendo “o Polonês” e ninguém se opôs ou reclamou.

Em casa, a família falava Tcheco. O Polonês e sua mulher, quando não queriam que Marila entendesse, falavam em Russo – ledo engano, ela entendia Russo, e, além disso, os pais se esqueceram de que o Russo era língua obrigatória ensinada desde a escola primária em Praga.

A maior preocupação da Antonina foi de que a filha estudasse. Matriculada no colégio das irmãs salesianas, como já era de se esperar, ela, a filha, sofreu horrores, pois as freiras eram especialistas nisso. Quando conseguiu se livrar desse colégio, foi fazer científico no Colégio Osvaldo Cruz. A moda naquela época era fazer também, ao mesmo tempo, curso de contabilidade. Assim, Marila fazia de dia o científico e à noite o curso de contabilidade. Terminou o científico em 1956 e foi estudar no Rio de Janeiro – mas isso é outra história.

Como era a vida do Polonês até essa época? Vamos citar alguns fatos isoladamente.

O Polonês se tornou o ponto de referência para todos os eslavos e, muitas vezes, outras nacionalidades, como alemães que chegavam à cidade.

Não raro, nós nos surpreendíamos com pessoas paradas no portão, cercadas de malas, dizendo que foram encaminhadas ou da estação ferroviária, ou do hotel, ou da rodoviária, para o Polonês, e que ele os ajudaria. E o Polonês realmente ajudava todos, desde a alimentação no momento da chegada, como também com emprego ou com recomendações para

outros, ou mesmo indicando o alojamento onde poderiam ficar. Frequentemente, passavam alguns dias alojados nos quartinhos que existiam no fundo do frigorífico. Por mais simples que fossem, ali eles tinham comida e seriam abrigados das intempéries. Alguns ficaram na cidade, inclusive trabalhando com o Polonês. Outros, se não conseguissem trabalho, iam embora.

Podemos citar aí um tcheco, Vaclav Klojda, um químico que apareceu em Campo Grande como que perdido, trabalhou algum tempo com o Polonês em serviço de escritório e na fábrica e, depois, foi embora.

Anos mais tarde, soubemos que estava em Brasília, aparentemente bem-sucedido.

Outro, Tito, parente distante de Antonina, que ficou pouco tempo e foi embora para se juntar à família, na Argentina.

Da família polonesa Pzrybytek, que se instalou em Campo Grande, um dos filhos, quando atingiu maioridade, tirou carteira de habilitação e, durante anos, foi motorista do Polonês. Um fato curioso é que o Polonês não sabia ou não queria dirigir e sempre tinha motorista. Já ao comprar o primeiro carro, ele o fez junto do motorista. Antonina, ao contrário, era excelente motorista e gostava de dirigir.

Antonina reclamava muito desse “alojamento”. Já Marila tentava arrumar o melhor possível a casa. O piso de cerâmica era encerado, e seu brilho vinha com um escovão pesado que ela fazia questão de passar.

A família não tinha amigos. Talvez o excesso de trabalho e o cansaço no final do dia deixasse pouco convidativas as situações de lazer.

Logo que chegaram, eram frequentes as visitas do padre Francisco Czaplá, Ele era conhecido como padre Chico, padre salesiano, maestro da banda do Colégio Dom Bosco, que vinha para tomar chá. Inicialmente, ele se propôs a dar aulas de Português para a autora, mas foram poucas aulas. Um dia, comunicou ao casal que não poderia continuar dando aulas para sua filha, havia sido proibido pelo seu superior, uma vez que a aluna era mulher. Na época, a aluna, a autora do livro, tinha apenas 11 anos. A família e muito menos a aluna não entenderam. O padre continuou frequentando a família para tomar o chá preto com biscoitinhos poloneses feitos pela Antonina.

A família Pogodin, radicada por anos em Campo Grande, era uma família russa que morava do outro lado da cidade. As filhas se tornaram amigas de Marila, mas, à medida que cresceram, cada uma tomou seu rumo.

A família do Willhen era uma família alemã, cujo sobrenome não lembramos. Inicialmente, Willhen trabalhou como mecânico, colocando os maquinários em ordem. Ele também não podia ser considerado amigo com o qual poderiam se encontrar para tomar chá. Por algum motivo, mantinham-se distantes e não havia muito interesse na família do Polonês em procurá-los. Lembrando, hoje, um único motivo que nos ocorre é que os brasileiros mantinham certa distância dos alemães, até como consequência da Segunda Guerra Mundial.

O antigo dono do frigorífico – Otto – havia fugido de Campo Grande depois da guerra.

Um fato que Marila observou foi de que os campo-grandenses se aproximavam ou se afastavam dependendo da nacionalidade dos interlocutores.

Havia também um ucraniano casado com uma brasileira que foi motorista do Polonês durante muito tempo, indo depois trabalhar em algum comércio que abriu por conta própria. Foi substituído por Basílio, natural de Bessarábia, que acompanhou o Polonês até sua morte, em 1977.

Podemos concluir, assim, que o casal somente tinha amigos comerciais. Ambos trabalhavam muito e, de certa forma, substituíram as amizades pelo trabalho.

O lazer do Polonês, assim como o de sua mulher, resumia-se a jogar cartas – 66, jogo que podia ser jogado em duplas ou até 4 pessoas. Eles jogavam só os dois, pois não havia parceiros. Não saíam para almoçar ou jantar fora, até porque Campo Grande não tinha estes locais. Havia apenas três cinemas na cidade: Alhambra, cinema da elite; Santa Helena, cinema “malfalado”; e o Rialto, cinema da plebe. Não frequentavam os cinemas porque não sabiam Português, e os filmes em outra língua, em geral, eram em Inglês.

Podemos citar aqui outro fato, que, pensando hoje, poderia até ter a significação de “amizades”.

A família gostava dos animais, não sabemos se era apenas uma característica dos europeus ou se esses animais, de alguma maneira, eram depósito de afeto da família.

A curiosidade por outros animais, principalmente os que não existiam na Europa, de certa forma, tornou-se conhecida na cidade. E, por mais incrível que pareça, hoje consideramos uma situação quase cômica, as pessoas começaram a trazer animais: “Ah, sabemos que vocês gostam de animais, por isso trouxemos esse mico”. Realmente, a família do Polonês adotou o mico. Era um macaquinho pequeno. Claro, os problemas que ele causou eram terríveis, mas a família aguentava. Ou o macaquinho era mantido preso ou mantido solto. Se era mantido solto, ele pulava o muro para o vizinho. O vizinho era o Dr. Hugo Pereira. E o macaquinho, não raro, entrava na casa dele pela janela que era virada para o frigorífico e trazia objetos que encontrava, como canetas, lápis, relógios etc. Imagine os rolos que isso dava. Antonina ficava desesperada, Antonin pedia desculpas. Também tiveram um quati. Ele tomava banho e vivia praticamente grudado na Marila quando esta não estava na escola; só ficava quieto quando trancado, o que acontecia poucas vezes. Uma vez, trouxeram um macaco enorme numa jaula, e o Polonês aceitou sem pensar nos problemas que ele traria, e nem que o animal não poderia ficar o tempo todo preso na jaula, uma vez que essa não era muito grande. Ficou lá uns quinze dias, mas a família, percebendo que o animal sofria nessa jaula, levou-o para a base aérea, que na época tinha um zoológico – ou algo que chamavam de zoológico – e aceitava os animais. O mesmo aconteceu com uma jaguatirica, a família aceitou, viu a impossibilidade de amansá-la e também a levou para a base aérea. Trouxeram, ainda, araras. Essas ficavam soltas na varanda da casa. Desnecessário dizer que elas se divertiam “destruindo” as vigas do telhado, mas isso ninguém reclamava; muito pelo contrário, a família gostava delas.

Amor aos animais é típico do europeu, que preza muito a vida, o que também continuava existindo ali.

Independentemente desses animais todos, eles também gostavam de cães, e os preferidos eram os pastores-alemães ou que se pareciam com eles.

Uma vez, ganharam um animal que parecia com um porco-espinho, cuja altura não passava de 40 cm. Por alguma razão, Antonina tomou o porquinho ao seu encargo, ele a acompanhava aonde ela ia. Havia uma brincadeira que fazia com o porquinho. Nos fins de semana, quando não havia ninguém na fábrica, ela, Antonina, corria e subia em cima de uma mesa na sala de desossa. Assim o porquinho a perdia de vista e “chorava” a plenos pulmões, até ela aparecer. Uma vez, ela descobriu que o porquinho tinha muitos vermes. Ela decidiu tratar desses vermes à moda eslava, fez uma massa de alho e “e enfiou goela abaixo”; assim, os vermes acabaram. A partir desta data, toda comida que ela oferecia ao porquinho vinha com alho.

A religião da família era ortodoxa, e o casal sentia falta da religião, por isso começaram a frequentar a igreja ortodoxa.

Passaram a frequentar os cultos e, quando esse grupo resolveu construir uma igreja, o Polonês contribuiu com generosa quantia financeira. A igreja existe até hoje e fica na Rua Treze de Junho.

Muitos dos idosos se lembram do casal de poloneses.

O casal Teodorowicz era extremamente econômico; por mais que gostassem de filé-mignon, não era esse que ia para mesa.

A comida não era desperdiçada, e Antonina, exímia cozinheira, sabia aproveitar todos os tipos de carne, não havendo desperdício.

As roupas eram as que trouxeram da Europa. No trabalho, sempre se protegiam com aventais gigantes que Antonina costurava usando os sacos de pano, os quais, muitas vezes, comprava nos comércios de cereais que vendiam alimentos.

Chácara *revellieu* ou o matadouro

Antonio tinha dificuldades com a matança. A própria matança dos porcos, que ele fazia no frigorífico, foi ficando cada dia mais difícil, tanto pelo colégio salesiano em frente como pela vizinhança. De um lado, Dr. Hugo Pereira; do outro lado, um hotel e, também, a vigilância sanitária. À medida que as vendas foram aumentando, a quantidade de matança era maior. O barulho, quando os porcos eram pegos, era terrível, parecia que eles sabiam que iam morrer. Isso sem falar no cheiro, que emanava tanto das fezes que eles soltavam no pátio como do sangue que escorria depois de abatidos.

O casal, extremamente econômico, já havia juntado algum dinheiro. A demanda cada vez maior do comércio, aliada ao natural desejo de crescimento do casal, coincidiu com a oferta de dois espaços que serviriam para fazer um abatedouro. Um nos altos da Av. Mato Grosso, depois do córrego, e outro nos altos da Avenida Afonso Pena.

Antonina tinha, assim, uma visão comercial muito grande, além de uma intuição quanto ao desenvolvimento e crescimento dos negócios, e ela optou pelo espaço no final da Av. Mato Grosso, depois do Córrego Anhanduizinho, que, naquela época, ainda não tinha ponte – ou melhor, tinha uma ponte muito rudimentar de madeira, a qual só permitia a passagem de uma carroça. Antonio comprou-o em 1955.

A chácara começava no córrego e terminava onde hoje é o Bairro Carandá. Não havia asfalto, era uma região de chácaras, ou melhor, somente mato. O Polonês comprou essa terra, eram 40 hectares, e decidiu fazer o matadouro na margem esquerda do córrego. A Av. Mato Grosso, com o passar dos anos, foi se expandindo, e surgiram, de ambos os lados, hotéis, hospitais etc. E, no final da avenida, hoje fica o Parque dos Poderes – centro administrativo do estado. Vemos aí que a intuição de Antonina foi certa.

Na chácara, havia somente uma casa de madeira. Antonio decidiu, então, “transferir” o matadouro dos porcos para lá. Construiu um galpão com uma caldeira enorme, mais duas mesas de madeira, uma para limpeza e outra para desossa, tudo isso acompanhado de ganchos fixados

nos trilhos no teto, pelos quais se movimentavam as peças penduradas. Havia um espaço para limpeza das vísceras – os dejetos eram despejados no córrego, e as vísceras colocadas em tonéis e salgados. Algumas partes eram vendidas, outras o próprio Polonês preparava e ensinava os empregados como preparar, para que futuramente servissem como invólucros para os embutidos. Somente algum tempo depois, não sabemos como precisar a data, Antonio começou a comprar esses invólucros de salsichas, linguiças e salames em São Paulo. Cumpre ressaltar que o Polonês, para comprar tanto os maquinários como os invólucros, ia frequentemente a São Paulo. Temos vaga lembrança de que, nessas viagens, era acompanhado por Otto, um alemão, cuja “paixão” eram as máquinas, tudo que se relacionava à automação. Dizem que Otto acabou se estabelecendo em São Paulo, onde montou uma empresa relacionada a máquinas e, principalmente, visando à automação.

Inicialmente, quando chegou a Campo Grande, o Polonês, além de comprar carne no Matadouro Municipal, matava também as reses na chácara dos vendedores, o que era o costume à época. Derrubava a rês no chão, o empregado levantava a pata esquerda, e o outro enfiava a faca direto no coração. Ensinava aos empregados o lugar certo, pois não admitia que o animal sofresse. O couro e as vísceras eram tirados ali mesmo, com a rês no chão. Tudo era muito primitivo.

Entretanto, desejoso de sempre modernizar e crescer, resolveu construir um matadouro. Não sabemos de onde tirou o modelo, mas, com certeza, houve a participação de Otto.

A construção consistia num corredor comprido, cuja largura permitia a passagem apenas de uma cabeça de gado. Uma das extremidades era ligada a um pequeno curral, onde caberiam no máximo 10 cabeças de gado, e esse lugar servia para prender os animais a serem abatidos. Na outra extremidade, também fechada com uma porta de correr, havia um martelo enorme pendurado no teto e que, acionado eletricamente, desfaria um golpe violento na cabeça da rês que caía desmaiada. O animal caía, já desacordado, quando então um empregado se aproximava, levantava sua pata esquerda e enfiava um facão diretamente no coração do animal.

O animal sangrava até morrer. Os empregados passavam então uma corda, ou um gancho, e a rês era suspensa e arrastada até uma das

mesas do salão. O couro era tirado com todo cuidado e colocado em tonéis. Esses couros eram vendidos para curtumes. Vez ou outra, o Polonês separava algum couro que considerava mais bonito e colocava para secar, para futuramente servir como tapete.

As vísceras eram tiradas ali mesmo, colocadas em baldes e vendidas para carroceiros.

Algumas vísceras, como rim, fígado e bucho, eram vendidas para açougues que as compravam em pequenas quantidades.

O campo-grandense não era muito adepto a comer essas carnes consideradas iguarias na Europa.

A rês pendurada num gancho era puxada para um outro espaço, descarregada em cima de uma mesa enorme, onde era separadas por peças – traseiro, paleta e outros. Entregues nos açougues, imaginamos que os próprios açougueiros preparavam a separação dessa desossa mais fina – coxão duro, coxão, alcatra, filé-mignon e outros.

Uma das primeiras providências que Polonês tomou foi comprar um furgão, no qual transportava a carne para os açougues. Assim, sabemos que não eram mais as carroças que faziam esses serviços – coisa que deixou o Polonês muito contente, pois ele sempre reclamava da carne que vinha em carroças, sempre cheias de moscas.

O primeiro furgão que transportava carne. Descarregamento no frigorífico



O matadouro foi crescendo e a previsão inicial da Antonina, de que a cidade cresceria naquela direção, estava se realizando.

Entretanto, naquela época, ninguém pensou no problema dos dejetos. A maneira mais arcaica de se livrar deles era jogá-los no córrego. Mas o córrego atravessava a cidade, e o mau cheiro impregnava a cidade ao redor do seu curso.

A compra da fazenda

O Polonês continuou juntando dinheiro. Uma vida austera permitiu que comprasse a fazenda Jerivá em 1956. Eram apenas 350 hectares, mas, quando Marila vinha do Rio de Janeiro nas férias, costumava ir a cavalo até Jerivá.

Algum tempo depois, em 1966, Polonês comprou a Fazenda Saltinho, vizinha da Fazenda Jerivá.

Antonina não se opôs a essa compra, pois visualizou que a cidade se expandiria naquela direção também. Realmente foi isso que aconteceu.

Há uma história interessante a respeito dessa compra: o corretor convidou Antonio para ver a fazenda de cima, alegou que eram quase cinco mil hectares, e ver tudo isso a cavalo seria impossível, além de cansativo. Assim, sobrevoando a fazenda, dizia ao Polonês: “Tá vendo aqueles pontos brancos? São muitos... tá vendo, tudo isso é gado, um pasto bom para gado”. O Polonês comprou a fazenda. O interessante da história, não sabemos se é verdade ou não, vem aí: o gado branco que via de cima era algodão – as más línguas diziam que o corretor mandou pintar os cupinzeiros com tinta branca. Essa história se espalhou, tornando-se uma piada. Apesar de ter confundido o algodão com gado branco, Antonina não brigou com ele, pois a fazenda estava situada na direção da cidade e, como sempre, Antonina intuiu que ali as terras se valorizariam. Hoje a entrada da fazenda dista 20 km de Campo Grande.

Antonio era excelente comerciante quando se tratava de carne. A fazenda ficou praticamente largada. Antonio se “esqueceu” da Fazenda Saltinho. Somente em 1971, quando Marila voltou para Campo Grande, já com o marido Freddy e a filha Márcia, os dois resolveram assumir a Fazenda Saltinho, começando desenvolvê-la. Seu marido – carioca de asfalto e que nunca havia visto um boi – assumiu e tentou formar pasto. Atualmente, uma parte é cuidada pelo genro casado com a filha caçula, Milena, e a outra cuidada pelo filho, Fábio, que recentemente plantou mais de mil hectares de eucaliptos.

O Polonês, por volta de 1968, já se sentia cansado, e a sua visão piorava a passos largos. Assim, em 1968, arrendou o matadouro para o

Tito Tichy – parente longínquo da Antônia – e para o Márcio – não nos lembramos do sobrenome dele. Márcio era um comprador de gado do frigorífico Bordon. Contam que, naquela época, o Bordon havia pedido concordata, os pecuaristas que haviam vendido o gado ao Bordon queriam matar o Márcio. O Polonês pagou as contas dele e o contratou para trabalharem juntos. O Tito Tichy, cujo familiares moravam na Argentina, apareceu em Campo Grande e também ficou como arrendatário. Cada um era responsável por 50% da empresa. Mas nenhum deles tinha a capacidade do Polonês, e o matadouro estava capengando cada vez mais.

Em 1970, Paulo, neto do Polonês, filho de Nina, filha mais velha do Polonês, que se formou em Economia no Rio de Janeiro, retornou e assumiu todos os negócios do avô Antonio.

Quando voltou em 1970, o matadouro estava indo muito mal, pois nem Tito nem Márcio tinham o tino comercial do Polonês. Nesta época, o matadouro Bordon estava falindo e foi oferecido ao Polonês. Polonês discutiu essa compra com o neto Paulo, e juntos resolveram que não o comprariam.

Conta o Paulo que, “se tivesse mais experiência, teria insistido nessa compra, pois, com isso, eliminaria a concorrência”.

O próprio Heitor, nesta época, que mantinha um bom relacionamento com o Polonês, aconselhou que comprasse o matadouro. Por alguma razão, isso não aconteceu e, até hoje, Paulo se arrepende.

Antonio tinha uma doença – degeneração macular, que é hereditária – para a qual não existe tratamento nem óculos corretivos. Não admitia o fato de não fazer nada. Ficou então “encarregado” apenas da compra do gado para o matadouro. Ele, com o sempre fiel Basílio, iam para as fazendas, compravam o gado e, quando esse gado chegava ao matadouro, após alguns dias de descanso, era abatido.

O Polonês sempre ensinava o neto Paulo, mostrando-lhe as características do gado, já bom para o abate. Abatiam cerca de 30 a 40 reses por dia.

No início, com a cidade longe, isso não tinha importância; com a expansão, construção de casas nas cercanias, o cheiro e os dejetos eram insuportáveis. Durante certo tempo, graças até ao prefeito Juvêncio Cesar

da Fonseca – muito amigo da família Teodorowicz –, a situação perdeu sem maiores complicações.

Entretanto, à medida que o tempo passava, as exigências sanitárias foram aumentando, o matadouro foi ficando cercado de casas e condomínios. Hoje, Paulo se arrepende por ter iniciado o loteamento da chácara.

Nesta época, o matadouro do Polonês fornecia carne para 1/3 da cidade, outro 1/3 era do Heitor, e o restante era de Ari Menezes, do frigorífico Matel.

A situação piorou a partir de 1975, com surgimento de supermercados. Como o campo-grandense é ávido por novidades, comprar a carne ali, nas bandejinhas, já cortada, era o “tchan” da época.

O mercadão, que recebia muita carne naquele período, aos poucos foi acabando. Foi Juvêncio Cesar da Fonseca que o revitalizou, o que permitiu a sua existência até hoje.

Paulo continuou trabalhando, sentindo cada vez mais dificuldades, pelo fato de os dejetos descarregados no Córrego Anhanduizinho se espalharem pela cidade, uma vez que o córrego foi canalizado através da cidade. Outro fator, talvez esse o principal, foram as bandejinhas de carne vendidas nos supermercados. As bandejinhas vieram a calhar, somou-se a isso o fato de comodidade: ao ver a bandejinha com carne, a dona de casa já estava com a receita pronta, sem ter maior trabalho em cortar etc.

Uma pergunta que nós fazemos hoje é: o Polonês, amante de novidades, caso não estivesse numa idade já avançada e sem enxergar, não teria partido também para preparar as “carnes nas bandejinhas”?

A família do Polonês

Boris

Boris sempre presente Boris, afetivamente muito ligado à família.

Filho da irmã de Antonina, Marie, ele estava sempre por perto.

Em Luck, ainda solteiro, já trabalhava com Antonin, que lhe ensinou tudo que havia aprendido na universidade em Kiev, no curso de especialização na fabricação de frios. Parece-nos que, já naquela época, morava com a família Teodorowicz.

Não sabemos se Boris estava junto da família do Antonin na fuga de Luck para Lutz.

A lembrança que a autora tem é dele já em Lutz, trabalhando com Antonin.

Uma das meórias marcantes foi ele comparando uma tulipa para que Marila desse de presente para a sua mãe Antonina no Dia das Mães.

A outra lembrança é dele carregá-la no colo, do apartamento para o abrigo antiaéreo durante os bombardeios, que ocorriam geralmente à noite.

Marila se recorda de que, muitas vezes, à noite, o céu parecia que estava cheio de balões coloridos. Boris sabia acalmá-la, dizendo que o barulho dos aviões e bombas eram dos balões no céu, e que não precisava ter medo, pois eram enfeites. Ele era uma pessoa muito calma e afetiva.

Naquela época, namorava Eugênia, uma polonesa da qual Marila tinha muito ciúmes. Quando a família Teodorowicz se instalou em Praga, Boris também estava lá, já casado com Eugênia. Ficou pouco tempo trabalhando com Antonin. Por alguma razão desconhecida, mudou-se com a esposa para uma cidade pequena, Smrzovka, perto da cidade de Marienbad, onde abriu um açougue e também continuou fabricando frios que aprendeu a fazer com Antonin.

Eugênia trabalhava em uma fábrica na lapidação de cristais.

Tiveram 3 filhos: Maryla, Daniela e Zibynek.

Uma das filhas, a mais velha, foi batizada com o nome de Maryla, pois Eugênia sempre dizia que queria ter uma filha que se parecesse com Marila. Por mais incrível que pareça, realmente há semelhança entre as duas Marilas.

Boris veio para o Brasil em 1962, sozinho, deixando a família na Tchecoslováquia. Na época, só ele podia vir, pois a família ficou como refém na Tchecoslováquia, a esposa Eugenia e os filhos eram a garantia de sua volta à República Tcheca.

Boris veio para o Brasil, conheceu Campo Grande, trabalhou um pouco com Antonio, ficou pouco tempo, o que era compreensível, pois o que caracteriza os eslavos são os vínculos afetivos.

O Polonês precisava dele, e ele precisava do afeto da sua base afetiva; assim, em 1963, retornou ao Brasil com a família: Eugenia, sua esposa; e os filhos Daniela e Zibynek. Maryla ficou na República Tcheca, por alguma razão que desconhecemos.

Em 1966, Boris resolveu voltar para a Tchecoslováquia com toda sua família, não sabemos a razão desse retorno.

Toda a família do Polonês sentiu a sua ausência e teceram mil fantasias a respeito.

Em 1968/1969, por ocasião da invasão da Tchecoslováquia pelos russos, uma situação política caótica e insegura naquele país, Boris retornou para o Brasil com a família – a esposa Eugenia, a filha Daniela e o filho Zibynek.

Conseguiram sair legalmente, mas tiveram de desistir da aposentadoria e deixar todos os bens, um sobrado, em que embaixo era o açougue no qual Boris trabalhava e em cima era o apartamento da família. Nesta época, o governo ainda permitia a saída das pessoas; entretanto, todos os bens que possuíam tinham de ser doados para o governo, e Boris teve de assinar um documento dizendo que desistia da aposentadoria.

Não sabemos por que nem como, mas a República Tcheca paga a aposentadoria para os tchecos que imigraram para outros países.

Boris, assim que chegou, foi trabalhar no frigorífico, na fabricação dos frios, uma vez que sabia fazer tão bem como o Polonês, que foi seu professor desde a Polônia.

Boris e Eugenia moravam com Maryla e Rádia, seu marido, numa mansão situada na Av. Zahran. Toda a família amava cães. Na época, tinham um dogue alemão, enorme, preto.

Uma vez, Eugenia caiu no jardim, não conseguia se levantar e ninguém ouvia seus gritos. O dogue, que a acompanhava sempre, saiu em direção a casa e ficou latindo para Maryla e correndo sempre na direção da porta. Diz Maryla: “Ele me chamava para ir atrás dele; assim eu fui, e ele me levou até a mamãe, que estava caída no chão. Esse cachorro só faltava falar”.

A filha, Daniela, não quis continuar estudando e foi trabalhar no açougue do frigorífico, como caixa. Daniela era uma moça muito alegre, ativa, aprendeu o Português rapidamente. Casou-se com Mauro Fenerik, um homem violento; e, pouco tempo depois de casada, terminou em tragédia a história do casal, que brigava muito. Mauro, em 1976, matou Daniela com um tiro. Ficou preso durante anos. Não sabemos por que foi solto. A família nunca mais soube dele. Anos mais tarde, em 2017, souberam que seu corpo foi achado carbonizado dentro de um porta-malas de um carro.

O outro filho, o caçula Zibynek, estudava, mas, pouco interessado nos estudos, passou a trabalhar com Paulo, no frigorífico, na época já funcionando em Aquidauana. Faleceu assassinado em janeiro de 2004, com um tiro, que era dirigido a uma outra pessoa. Isso aconteceu em Aquidauana.

Zibynek já era casado e deixou um filho, Leonardo, que é arquiteto, está casado e tem dois filhos, Eduarda e Estela, tendo pouco contato com a família do Polônês.

Boris, mesmo com toda essa tragédia de sua família, continuou trabalhando com o Polônês.

Eugenia, depois da morte da Daniela, em 1979, foi definhando aos poucos. Frequentava muito a casa da Nina, eram amigas e confidentes e jogavam sempre cartas com Antonio.

Boris faleceu de um infarto fulminante, em 1989. Na época, estava se recuperando de um câncer de pulmão. Sentado na cadeira de balanço, na casa de Maryla onde moravam, de repente deu um grito, e a cadeira caiu para trás. Socorrido na hora, pouco adiantou, foi uma morte súbita.

Marila, a autora do presente texto, sentiu muito a sua morte, pois, para ela, ele era primo, irmão ou sempre aquele que a carregava nos braços para fugir das bombas.

Após a morte do esposo Boris, sua esposa Eugenia apresentou uma depressão profunda, a qual, entretanto, tentava disfarçar de todas as formas possíveis, inclusive jogando cartas. Faleceu em 2017.

Rádia e Maryla

Em 1969, os russos invadiram a Tchecoslováquia; Rádia e Maryla também vieram para o Brasil junto dos pais.

O país estava vivendo um caos. As pessoas queriam sair, e o passaporte era carimbado facilmente com visto de saída, no último momento antes de os russos fecharem as fronteiras.

Rádia já planejava vir para o Brasil com Maryla, já tinha o visto de entrada para o Brasil de 80 dias, faltava o visto de saída para a Tchecoslováquia.

Quando os russos invadiram a Tchecoslováquia, em 1969, Primavera de Praga, Rádia estava sendo convocado para servir o exército. Um dia, recebeu um telefonema de uma agência de viagens, avisando que havia duas passagens a sua disposição. Casou-se às pressas com Maryla, procurou um comandante, amigo seu, dizendo que “gostaria de passar a lua de mel no Brasil”. O comandante lhe perguntou: “Mas você vai voltar?”. Diz o Rádia que respondeu “Não”. O comandante carimbou o documento que lhe permitia a saída.

Conta Rádia que, para ter algum dinheiro para a alimentação, conseguiram vender algumas coisinhas, o que lhes rendeu algumas “merrecas”. Tudo que tinha deixou para seus irmãos.

Rádia conta ainda que, como seu visto era de turista, 80 dias, tinha de sair e voltar – e, como não o fez, a polícia procurou seus pais, buscando saber dele. Os pais de Rádia informaram à polícia que ele, Rádia, foi para o Brasil e não retornou. O resultado foi típico da época: “A família de Rádia foi penalizada, condenada com a proibição de que, durante 10 anos, não poderia sair do país”.

Rádia foi considerado como desertor e condenado a 2 anos de prisão na República Tcheca, e Maryla condenada a 1 ano, por abandono do país.

Rádia e Maryla ficaram em Campo Grande. Quando o visto de turista, com permanência por 80 dias, venceu, pediram asilo, que novamente, graças ao Paulo Machado, foi obtido.

Conta o Rádia que, na época, conheceu o cônsul tcheco em São Paulo. Tornaram-se amigos. O cônsul costumava vir frequentemente a Campo Grande, trazendo algumas especiarias tchecas, como cerveja pilsen, salaminho e outros.

Por ocasião da doença do pai, Rádia quis ir à Tchécoslováquia para vê-lo. O cônsul o advertiu de que poderia até ir, mas que ficaria preso durante dois anos, pois foi condenado como desertor. Rádia desistiu. Ele continuou lutando para conseguir o passaporte que lhe permitiria entrar na Tchécoslováquia e voltar para o Brasil. Eram papéis e mais papéis; mandava um, vinha pedido de um outro... quando o último chegava, consideravam o primeiro já vencido. Finalmente, o casal, depois de muito anos, conseguiu o passaporte e o perdão do governo tcheco. A família do Rádia, que sofreu perseguição por causa dele, também conseguiu o perdão. Atualmente, a mãe passa o tempo viajando entre a Tchécoslováquia e os Estados Unidos, onde tem família.

Rádia ficou trabalhando com o Polonês, adaptando-se bem à função de cobrador.

Maryla se dedica apenas aos afazeres domésticos. Apesar de ser protética, nunca exerceu a profissão.

Ambos eram muito fechados, frequentavam pouco a casa do Polonês. Tinham como amigos apenas um casal, Juvêncio da Fonseca e sua mulher, Iasi.

Rádia tinha orgulho de alguns fatos do regime tcheco; assim, ele nos contou que tinha uma tia nos Estados Unidos e que até hoje recebia a aposentadoria paga pelo governo tcheco.

Construíram uma casa, uma mansão, nos altos da Av. Zahran. Moram atualmente numa casa pequena, nas cercanias da Av. Zahran.

Rádia tinha a função de ser o cobrador de Paulo, no frigorífico, mas não era um emprego formal.

Rádia e Maryla tiveram dois filhos. André e Alexandre. Alexandre, formado em Química e Língua Inglesa, mora hoje em Natal. Deixou em Campo Grande a esposa e os dois filhos. Casou-se novamente em Natal, onde mora até hoje, dando aulas de Inglês, e tem mais dois filhos.

O filho mais velho – André – é instrutor de asa-delta. Casado, tem dois filhos.

A família toda mantém pouco contato com a família do Polonês, apesar de existir um vínculo afetivo muito evidente. Todos tendo certeza de que poderiam contar uns com outros no caso de sofrerem algum revés. Não precisam estar perto, mas, em caso de necessidade, estariam sempre juntos.

Morte de Antonina e Antonio

Antonina diminuiu seu trabalho no açougue e, depois que se mudaram para a casa da rua Rui Barbosa, dedicava-se mais à família – Antonio e Nina. Gostava de mexer com plantas e tinha, na varanda do seu quarto, que era bastante espaçosa, floreiras com todos os temperos possíveis, desde cebolinha até hortelã. Era uma mulher forte.

Em 1974, foi diagnosticada com câncer de intestino.

Foi uma época terrível. Marila já residia em Campo Grande, morando na frente da casa deles. Frequentemente, atravessava a rua de madrugada para acudir a mãe, que sentia muitas dores. Foi uma época muito difícil, pois ambas tinham a consciência do desenlace fatal que se aproximava. Frequentemente, Marila passava as noites na casa da mãe, revezando com Nina nos cuidados com Antonina.

Campo Grande era uma cidade em que todos eram católicos ou protestantes. Mas os membros da família eram espíritas. Os centros espíritas eram frequentados para consultas mais diversas, desde traição de namorados, maridos, até tratamento de mais variadas doenças.

Nina e Marila, informadas a respeito da existência de um “curandeiro”, pai de santo, procuram-no uma noite para consulta. O marido da Marila as acompanhou. O que vamos contar abaixo pode até parecer mentira, mas aconteceu.

Chegando lá, foi explicado tudo ao “curandeiro”, que a ouviu atentamente, com uma garrafinha de cerveja na mão. Pediu que Marila se deitasse no chão; apesar de ela ter estranhado, obedeceu. Uma vez deitada, ele começou a andar em círculos ao redor dela, proferindo palavras numa língua estranha. Não se sabe quanto tempo durou esse ritual, mas, de repente, ele parou e disse: “Levanta agora”. Marila perguntou, espantada: “Mas é só isso?”. E ele respondeu “É” e não disse mais nada.

Foram pra casa descrentes, Nina ficou na casa dela junto à mãe, e Marila foi para sua casa.

No dia seguinte, ao acordar, como era sábado e não trabalhava, foi para casa da mãe. Encontrou a irmã na cozinha, e essa lhe disse: “Você

não sabe o que aconteceu, mamãe acordou e pediu cerveja”. Marila não acreditou: “Mas ela nunca tomou cerveja, ela detestava o cheiro, gosto de cerveja”. E Nina confirmou: “Mas ela pediu a cerveja, e eu levei pra ela, e ela bebeu diretamente na garrafa, quase uma garrafa inteira”.

Marila foi ao quarto da mãe e a encontrou dormindo. Não conversou com ela a respeito, mas reparou que, na mesinha de cabeceira, havia uma garrafa de cerveja quase vazia.

Antonina faleceu poucos dias depois, em 1975. Naquela noite, Marila estava com ela e presenciou seu último suspiro, não havia o que fazer. Segurou a mão da mãe e rezou alguns minutos. Foi então ao quarto da irmã, acordou-a e lhe avisou.

Antonio estava sozinho e, depois de mais de 55 anos de casados, retraiu-se muito mais.

Nina, muito mais próxima da mãe do que Marila, sofreu a perda talvez mais do que todos os outros. Marila sentiu também, se bem que, desde o início, sabia qual seria o final.

Antonio ficou na casa, com Nina e Paulo. Apoiava-se muito nos dois, principalmente no Paulo, no qual via seu sucessor.

Continuou comprando gado com Basílio, jogando cartas com Nina, Marila, Paulo e Eugenia.

Eram muito unidos. O jogo preferido era o “66” de sempre. A autora tentou descobrir, já naquela época, se alguém conhecia esse jogo, tanto em Campo Grande como no Rio, mas, por mais incrível que pareça, não encontrou ninguém que o conhecesse. Assim, sempre teve a impressão de que o jogo era “unicamente eslavo”.

Fora esse jogo, Antonio costumava ler o jornal da cidade. Já entendia bastante Português.

Aos poucos, foi perdendo a visão. Consultava oftalmologistas, os quais lhe prescreviam óculos que não adiantavam nada. Antonio costumava xingá-los, dizendo que eles não entendiam nada. Acreditamos que, naquela época, ninguém lhe explicou que se tratava de uma doença genética, degeneração macular para qual não havia cura e muito menos óculos – deixou essa doença por herança para as duas filhas.

A própria Marila não se aprofundou em conhecer melhor a doença.

Fazendo um parêntese, lembra, ao escrever essas linhas, que, na primeira aula de oftalmologia, o professor disse para a turma: “Os que estão interessados em oftalmologia me acompanhem.... os que não têm interesse só vou exigir o básico”. Assim, ela, como não tinha nenhum interesse pela matéria, somente estudou o essencial. Ao escrever essas linhas, sente-se até arrependida por não ter se aprofundado.

Degeneração macular é uma doença hereditária e talvez, se eu tivesse algum conhecimento, teria agido – se é que existiam – para cuidar dos próprios olhos e dos olhos de Nina, pois ambas, com o decorrer dos anos, viemos a apresentar essa degeneração.

Antonio faleceu 2 anos depois, em 1977, vítima de um infarto fulminante. Sem apresentar qualquer modificação nas suas atividades, de repente sentiu uma dor precordial muito forte. Foi levado ao hospital, entretanto, não mais que cinco minutos depois, já no leito, faleceu. As suas últimas palavras foram “Freddy, Freddy”, olhando e estendendo o braço na direção do cardiologista que o atendia, Dr. Sidney, provavelmente o confundindo com o genro Freddy. Foi uma morte muito rápida, que veio tão repentinamente, que deixou a família, num primeiro momento, totalmente sem chão. Mas todos sabiam que, no dia seguinte, deveriam continuar a vida. Nina continuou morando na casa, junto de Paulo e sua esposa Celina.

Abertura do epílogo

A família ficou reduzida a Marila, Nina, Pavel – Paulo, filho de Nina, nessa época já casado com Celina. Paulo continuou com as atividades do avô, dedicando-se mais ao matadouro. Boris continuou com o açougue e a fábrica de frios na Avenida Mato Grosso.

Epílogo

Nina e Paulo

Nina, filha mais velha de Antonio e Antonina, ficou em Praga quando a família saiu da Tchecoslováquia, em 1947.

Na época casada com Jorge, um parente distante da Antonina, já tinham um filho, Pavel – Paulo, na época com 3 meses. Tanto Antonio como Antonina sentiam muita falta dela e principalmente do neto – Pavel. Durante a estadia em Paris e, depois, no Brasil, Antonina escrevia muito para Nina.

A vida na Tchecoslováquia era difícil. Já em Paris e, depois, no Brasil, Antonina costumava lhe mandar caixinhas de chá preto, bebida tradicional tcheca. Sempre abria as caixinhas do chá com vapor d'água, colocava alguns dólares ou uma meia de nylon, fechava as caixinhas outra vez e as enviava pelos Correios. Nina sempre as recebia.

Nina, a primeira filha do Polonês, teve uma educação esmerada. Fez o curso secundário no colégio das freiras – Sacré Coeur em Kracóvia. Estava no segundo ano de Medicina, em 1940, quando estourou a guerra. Teve que fugir de Kracóvia a pé. Ela conta que acompanhou uma lava de refugiados que iam na direção de Lodz, que ficava quase na fronteira com Tchecoslováquia. Foi uma viagem terrível, era inverno, havia neve e muito gelo, rios congelados; sua maior queixa foi que teve de atravessar o rio parcialmente congelado, o que a deixou molhada e com muito frio.

Conta Antonina que as pessoas estavam fugindo em direção à Tchecoslováquia, pois a voz corrente era de que os russos maltratavam muito a população eslava, contrariamente aos alemães. Lamentavelmente, ainda não se sabia, naquela época, do sonho de Hitler de povoar a Europa apenas com raça ariana pura, loiros, olhos claros, pele branca.

Em 1959, conseguiram trazer a Nina apenas como visitante, e seu filho Paulo ficou na Tchecoslováquia como garantia do retorno dela. Ela passou cerca de dois meses no Brasil.

Como a vida na Tchecoslováquia estava muito difícil, havia muita repressão, vigilância na vida privada e passava muita necessidade, Nina, vendo a prosperidade de seus pais no Brasil, decidiu se mudar para o

país. Havia o problema do filho. Ela era muito dependente afetivamente dele; na época, já estava divorciada, e o filho Paulo tinha 11 anos.

Segundo ela nos contou, só viria para o Brasil se o filho gostasse; assim, retornando a Praga, providenciou a vinda dele para conhecer os avós. Ela ficaria em Praga como garantia de que Paulo retornasse.

Paulo veio poucos meses depois e gostou. Os avós do Paulo gostaram ainda mais. Ficou decidido que Nina se mudaria com o filho para o Brasil.

Na volta do Paulo, começaram os trâmites legais para trazê-los a Campo Grande.

Novamente, temos de destacar o papel de Paulo Machado. Não sabemos de que forma ele conseguiu, junto ao governo tcheco, que Nina e Paulo saíssem juntos, já de mudança.

O dinheiro da passagem, que para o governo tcheco tinha que ser da Nina, novamente Paulo Machado que providenciou: o Polonês lhe dava a quantia correspondente a duas passagens e mais um pouco. Ele comprava dólares, entregava a um piloto amigo, que, quando fazia escala em Praga, entregava para Nina. Assim, para todos os efeitos, Nina comprava as passagens dizendo para as autoridades tchecas responsáveis que havia conseguido o dinheiro vendendo algumas roupas, joias ou objetos herdados da família.

Nina e Paulo chegaram ao Brasil em 1959.

Marila os recebeu no Galeão (RJ), e os três, dois dias depois, foram para Campo Grande.

Em Campo Grande, a primeira providência de Nina foi matricular o filho no colégio.

Como entender, hoje, que o menino de 15 anos, sem nenhum conhecimento de língua latina, terminou em 3 anos o curso científico? Já fluente em Português.

Nina, em Campo Grande, sentia-se num outro mundo, a começar pelo tipo de residência dos pais. Assim, considerou que eles moravam muito mal e precisavam ter mais conforto.

Foi a insistência dela que os levou a comprar uma casa – um sobrado – na Rua Rui Barbosa. Pensando sempre em reunir toda a família, e como havia um espaço grande em frente a casa, Nina construiu duas salas, visando à sala que dava para os fundos, um escritório para seu pai, o Polonês. A sala da frente, já prevendo a volta da irmã, tornou-se um consultório para ela.

Paulo, o filho, terminou o curso secundário e foi para o Rio estudar e morar com a tia Marila. Passou no primeiro vestibular, para faculdade de Economia, atual Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Quando terminou o curso, cumpre-nos dizer de forma regular, sem repetências, voltou para Campo Grande e foi trabalhar com o avô no frigorífico, isso em 1970.

Costuma dizer, até hoje, “Que já naquela época já sabia o que iria fazer... seria o sucessor do avô no frigorífico”. Assim, ao voltar para Campo Grande, já formado, assumiu todos os negócios do avô.

Desde esta época, o Polonês passou a se dedicar apenas à compra de gado. Sempre acompanhado do seu motorista Basílio.

Nina faleceu em 2014, de infarto agudo de miocárdio.

Marila, a autora

A filha Marila participava mais como uma espectadora. O casal sempre primava e colocava em primeiro lugar a instrução da filha. Assim que chegaram, eles a matricularam no colégio das freiras. Marila era fluente em Tcheco, Polonês, Russo, Alemão e Francês.

Havia necessidade de um professor de Português. Coincidentemente, havia um padre salesiano – padre Francisco Czatla –, polonês, regente da banda do colégio Dom Bosco, que a família conheceu assim que chegou. Ele costumava passar no frigorífico para conversar, tomar chá preto e comer alguma delicatessen que o Polonês tivesse feito ou até mesmo os biscoitinhos poloneses da Antonina. Assim o Polonês lhe pediu que desse aula de Português para a Marila. Só ocorreram duas aulas. Na terceira aula, comunicou à família que não poderia continuar, pois foi proibido por seu superior de dar aulas para uma mulher. No caso, Marila, uma menina de 11 anos. Não precisa dizer como Marila ficou “encucada” com esse fato; até aí, ela não entendia, tinha 11 anos, nunca havia sentido essa “divisão” na Europa. Hoje acredita que nem os pais dela entenderam. Mas tinha de se virar sozinha e aprender Português sozinha.

No começo, recorda-se, decorava algumas matérias. Uma situação da qual lembra era que, depois de uma prova escrita de História, a professora a chamou e pediu que falasse sobre o descobrimento do Brasil, uma das perguntas da prova. Não foi difícil, havia decorado todo o texto do livro e respondeu por escrito na prova, conforme havia decorado. A professora a escutou em silêncio ela dizer tudo que havia no livro, decorado ao pé da letra.

Matriculada no colégio das irmãs salesianas, relembra hoje os horrores pelos quais passou e fica admirada como não enlouqueceu com os choques culturais pelos quais passou.

Um deles foi quanto à leitura, dinheiro que não era economizado. Havia uma livraria Troy na rua principal da cidade, Rua 14 de Julho, que Marila adorava frequentar e raramente saía sem comprar um livro. Lia até altas horas da noite e, muitas vezes, quando havia apagões à noite, lia com a luz de lanterna.

Uma vez, comprou um livro de Émile Zola, “Nana”, um clássico francês. Orgulhosa, apareceu com ele no colégio. Quando mostrou o livro para a professora, uma freira – esperando receber elogios pelo interesse que tinha pelos clássicos –, esta olhou horrorizada e confiscou o livro, fez um “sermão” de que esse autor constava no índice de livros proibidos para a leitura dos católicos. Antonina foi chamada, acusada de que não cuidava da educação da filha e que, caso isso se repetisse – aparecesse com outro livro daquele tipo –, seria expulsa do colégio. Marila não entendeu e hoje duvida de que a mãe dela tivesse entendido. Mas a situação no colégio das freiras se tornou insustentável. Hoje Marila entende que o livro de Zola e suas consequências a deixaram tão revoltada, que passou a atormentar as freiras com perguntas e, de antemão, já sabia que não lhe responderiam, até por desconhecimento.

Atormentou tanto a mãe que, no ano seguinte, foi matriculada em uma outra escola, estadual.

Antonina não gostou muito. “As freiras é que educam”, sempre dizia. Mas Marila estava revoltada: “Do que adianta estudar se não pode ler?”.

Teve outros problemas ali, já que, naquela época, uma blusa transparente, mesmo com roupas de baixo, sutiã e combinação, era proibida. Entrar na igreja sem véu, caso tivesse esquecido, não podia. A confissão era praticamente obrigatório. Marila não via sentido em entrar no confessionário e dizer ao padre “Pequei porque menti, neguei que tivesse comprado sorvete”. Esse tipo de absurdos na época... considerava-os sem sentido, levaram-na a ter ojeriza quanto a freiras, padres, igrejas e outros, o que persiste até hoje.

Outro fator que a deixava revoltada, e se perguntava “Que amor cristão era esse?”, era ter colegas de sala e mesmo das outras salas que vestiam uniformes diferentes só porque pagavam seus estudos trabalhando na limpeza do colégio. Entendeu o porquê no dia em que viu chegando ao colégio, fora do horário das aulas, duas meninas dessas, colegas de sala, lavando as escadas...

Apesar da pouca idade, Marila já pensava que trauma que isso poderia deixar nas meninas, passando por uma escola em que eram tão discriminadas.

Consegui terminar o estudo secundário. Naquela época, era “moda” muitos jovens que faziam ao mesmo tempo o curso científico e de contador. Decidiu fazer o mesmo pensando que um dia poderia ajudar o pai na contabilidade, mas seus sonhos iam mais longe. Fez o científico no colégio estadual e o de contador no Osvaldo Cruz. Deu conta dos dois cursos, não apenas vencendo as distâncias que tinha de fazer a pé, mas aprendendo. Acredita, hoje, que muito se deveu ao estudo primário nas escolas alemãs, pois lá tinha de raciocinar, e não decorar.

Também Antonio contribuiu para isso; *expert* em matemática, costumava brincar com ela com os números. Em línguas, era fluente, desde pequena “bombardeada” por três línguas eslavas: Polonês, Tcheco e Russo. Em Lodz, foi obrigada a aprender a falar Alemão. No Brasil, teve de aprender Português – língua que, com o passar dos anos, tornou-se a base de seu raciocínio.

Terminado o científico, em 1956, decidiu fazer Medicina. Por alguma razão, escolheu Rio de Janeiro. Conhecia São Paulo de passagem, cidade que ficava mais perto de Campo Grande, mas que não a agradava, e decidiu pelo Rio de Janeiro. Os pais não se opuseram.

Marila havia se casado e tinha uma filha pequena, estava sozinha no Rio de Janeiro e, de certa forma, ansiava ficar junto da família, agora já numerosa e residindo em Campo Grande.

Assim retornou com o marido e a filha em 1970.

Médica psiquiatra e psicanalista, quando retornou e disse que era psiquiatra, Antonio não gostou. Nunca lhe explicou o porquê. Marila morava numa casa em frente à casa dos pais, do outro lado da rua.

O fechamento do matadouro – paulo

Paulo continuou trabalhando no matadouro com dificuldades cada vez maiores.

Foi um período difícil para Paulo. Ele era jovem, inteligente, havia concluído o curso de Economia, mas não tinha nenhuma experiência com o matadouro. Apesar de ter aprendido muito com o avô, colocava em prática tudo que aprendeu.

Mas a cidade continuava crescendo. Em 1982, o governador Pedro Pedrossian criou o Parque dos Poderes, local onde seriam construídas as diversas secretarias do estado – centro administrativo. O matadouro do Polonês estaria muito próximo, não mais que 5 km do parque; com isso, começaram a surgir construções de ambos os lados da avenida, entre as quais, hospitais, hotéis etc.

Os loteamentos ao redor do matadouro aumentavam cada vez mais, o próprio Paulo também loteou a chácara. A permanência do matadouro naquele local estava se tornando inviável. Os dejetos lançados no Córrego Anhanduizinho traziam problemas cada vez maiores, cada vez mais complicações com a vigilância sanitária, mesmo com o córrego canalizado embaixo do asfalto da cidade exalando mau cheiro.

A situação piorava dia a dia, com cada vez mais casas ao redor do matadouro.

Paulo decidiu fechar o matadouro e lamenta até hoje, dizendo:

Em 1986... foi a maior burrada da minha vida. Por causa do loteamento... todo matadouro passou por crise... sempre teve crises. O Bordon teve duas concordatas e uma falência, Matel teve problemas, o Heitor Ocampos teve problemas... todos tiveram problemas. E, por bobearias que te acontece na vida, eu sabia que aquele terreno, aquela chácara, era negócio de futuro. Eu achei que o futuro tinha chegado, mas o futuro chegou na hora errada. Errei a data. Resolvi lotear em 1986. Pela proposta que o Antônio Marcos me fez, ficaria com todas as despesas, e não sei o que mais, uma matemática que infelizmente se mostrou furada. Só que já foi feito. Não tem como voltar mais... fechei o matadouro em 1986.

Fiz o loteamento com o nome Carandá Bosque. Esse foi o equívoco da minha vida... Aí os frigoríficos foram se modernizando, foram crescendo. O Bordon foi vendido para a Friboi, aí teve o surgimento do [Betim], que muitos anos uniu o mercado e um mundaréu de frigoríficos novos que foram surgindo e aparecendo.

Para o loteamento, a prefeitura exigiu 40 ou 60... ou 140 metros do córrego para cima. A prefeitura fez isso aí e já tinha um projeto de espichar aquelas avenidas lá na beira do córrego... pela aparente negociação do loteamento do Carandá Bosque, “aparente” que, no final das contas... tudo, que no meu caso particular... eu estava na praia, quando chegou o congelamento e a tablita que o presidente José Sarney apresentou. Que o José Sarney era o vice de Tancredo Neves. Tancredo Neves ganhou a eleição, morreu... assumiu o José Sarney. Passou-se um ano. A inflação maluca de 100%... Ele congelou tudo... e soltou a tablita. Tablitava quer dizer que dava desconto. Então quem vendeu a prazo... o loteamento era vendido a prazo até 24 vezes, era 8% por mês. Praticamente o cara dava troco. Eu tinha que pagar... não cabia na tablita. Teve lote que praticamente ficou de graça. Pela legislação do governo... aqueles que compraram, que aquilo que ficou a prazo tinha direito tablitado, que é fazer um desconto de 8% ao mês. Então você tinha um pagamento daqui a seis meses... seis vezes oito, igual a quarenta e oito por cento de desconto. Você tinha meses... 80% de desconto... então o cara te pagava 20%... tava liquidado.

O Sarney me tomou quase tudo... aí falei “Acabou, agora vou fazer a segunda etapa”... veio de novo outro ministro e fez a mesma tablita, a mesma coisa. Depois de 1 ano... Aí quebrei.

Entretanto queria continuar exercendo esta atividade, assim transferi para Aquidauana todo maquinário necessário, onde construí o matadouro, na época considerado moderno e que funciona até os dias de hoje, é o Matadouro Buriti.

Atualmente Paulo divide a direção do Frigorífico Buriti com seu filho Daniel. Paulo e o Frigorífico Buriti talvez encontrem outra autora que escreverá a sua história.

Paulo é, com certeza, a continuação do Antonio, o Polonês.

